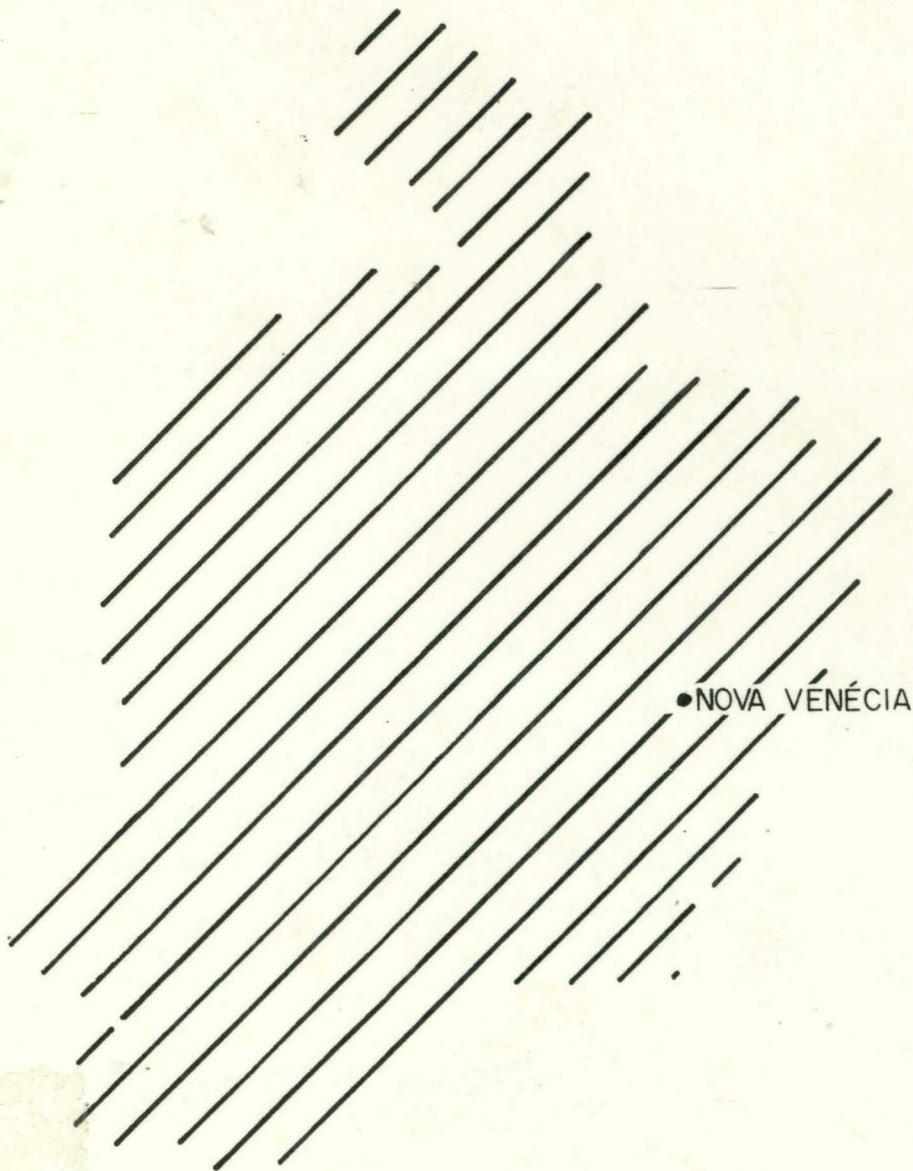


IJ00279/38

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Coordenação Estadual do Planejamento

Grupo Executivo de Recuperação Econômica do Espírito Santo



RELATÓRIO MUNICIPAL

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

IJ00279/38

6421/1984

EX: 1

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA - MUNICÍPIOS DOS SANTOS NEVES

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Coordenação Estadual do Planejamento
Grupo Executivo de Recuperação Econômica do Espírito Santo

NOVA VÉNECIA

RELATÓRIO MUNICIPAL
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES



IX 00279 (38)
6421/84
ex. 01

852.04.53
I 592
6421/84
ex. 01

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO
GRUPO EXECUTIVO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DO ESPÍRITO SANTO
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

RELATÓRIO MUNICIPAL DE NOVA VENÉCIA

JULHO/83

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Gerson Camata

COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO

Orlando Caliman

GRUPO EXECUTIVO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DO
ESPÍRITO SANTO

José Teófilo de Oliveira

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

Manoel Rodrigues Martins Filho - Diretor Superintendente

Vera Maria Simoni Nacif - Coordenadora Técnica

EQUIPE TÉCNICA

COORDENAÇÃO

Isabel Pêres dos Santos

PESQUISA DE CAMPO

Augusto Cesar Gobbi Fraga

Renato de Castro Gama

ELABORAÇÃO

Renato de Castro Gama

ORGANIZAÇÃO

Ronaldo J. de Menezes Vincenzi

ÍNDICE	PÁGINA
1. ASPECTOS METODOLÓGICOS	5
2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO	11
3. SETORES DE PRODUÇÃO/BOLSÕES - CULTURAS EXISTENTES	14
3.1. SETOR DE PRODUÇÃO 1	14
3.2. SETOR DE PRODUÇÃO 2	16
3.3. SETOR DE PRODUÇÃO 3	18
3.4. SETOR DE PRODUÇÃO 4	19
3.5. SETOR DE PRODUÇÃO 5	20
3.6. BOLSÕES	22
3.7. CONSIDERAÇÕES GERAIS	23
4. CONDIÇÕES NATURAIS	24
5. ESTRUTURA AGRÁRIA	26
5.1. INTRODUÇÃO	26
5.2. ESTRUTURA FUNDIÁRIA	29
5.3. RELAÇÕES DE TRABALHO	32
6. MERCADO DE TRABALHO	35
7. PROGRESSO TÉCNICO	39
8. COMERCIALIZAÇÃO E POLÍTICA AGRÍCOLA	42
8.1. CAFÉ	42
8.2. PECUÁRIA	42
8.3. SUÍNOS	43
8.4. MILHO/FEIJÃO	43
8.5. BANANA	43
8.6. MANDIOCA	43
8.7. ARROZ	43

9. POPULAÇÃO	46
10. ASPECTOS SOCIAIS/RECLAMOS SOCIAIS	49
10.1. PEQUENOS PRODUTORES	49
10.2. PARCEIROS	49
10.3. ASSALARIADOS PERMANENTES	49
10.4. ASSALARIADOS TEMPORÁRIOS	49
11. SETORES CENSITÁRIOS	50
ANEXO 1: COOPNORTE (COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DO NORTE DO ESPÍRITO SANTO LTDA)	51
ANEXO 2: DADOS REFERENTES AOS ESTRADOS DE ÁREA	61
- Área Ocupada	
- Número de Estabelecimento	
- Área Lavoura Permanente	
- Área Lavoura Temporária	
- Pessoal Ocupado	
- Número de Tratores	
- Número de Bovinos	
- Densidade de Área Ocupada por Estabelecimentos	
- Densidade de Lavoura Permanente por Estabelecimento	
- Densidade de Lavoura Temporária por Estabelecimento	
- Densidade de Área de Pastagem por Estabelecimento	
- Densidade de Pessoal Ocupado	

1.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O Relatório Municipal é um breve diagnóstico sócio-econômico da realidade de cada município, a partir das atividades agropecuárias desenvolvidas nestes espaços geo-econômicos. Assim sendo, foram definidos os seguintes eixos, sobre os quais se centrou tal estudo:

- . *Processo Produtivo* - estuda as relações do homem com a natureza, estrutura fundiária, relações de trabalho e uso do solo.
- . *Realização da Produção* - assenta-se no estudo das diversas fases da comercialização, características do mercado, bem como da subordinação da produção (monopsônios, oligopsônios) e os obstáculos à realização da mesma.
- . *Situação Social* - o estudo é dirigido às organizações sociais, enfatizando-se as organizações da classe patronal e da classe trabalhadora que se dão através dos sindicatos, igrejas e da atuação das cooperativas (isto é, naqueles municípios em que a cooperativa tem papel mais significativo).
- . *Intervenção do Estado* - intervenção esta que se dá no âmbito da produção e da comercialização, através do crédito, do AGF (Aquisição pelo Governo Federal), do EGF (Empréstimo do Governo Federal), e demais políticas e programas setoriais.

Para a análise do município, apoiada nos eixos citados anteriormente, foram utilizadas as seguintes informações:

- 1) Dados secundários do IBGE, 1980 - foram utilizados dados referentes aos setores censitários, que depois de organizados devidamente, contribuíram para a elaboração de mapas de estrutura fundiária (número e área) e densidade demográfica.

2) Pesquisa de Campo - foram efetuadas consultas aos seguintes órgãos:

- . Emater (Escritório Local)
- . Sindicato Rural Patronal
- . Sindicato dos Trabalhadores Rurais
- . Cooperativas
- . Igrejas

Para esse estudo, e em decorrência dos contatos com os órgãos descritos acima, o município teve seu território dividido em áreas, de acordo com a distribuição espacial das culturas, denominadas *Setores de Produção*. Por exemplo, a área que produz café, milho, feijão e arroz foi chamada de Setor de Produção 1; a área cujas atividades predominantes são a pecuária e a mandioca, foi chamada de Setor de Produção 2 e assim por diante. Além desta divisão, as culturas foram, dentro de cada setor, classificadas de acordo (principalmente) com a geração de renda. Neste caso, em ordem decrescente de importância, as culturas se classificam em:

- . Principal (P)
- . Secundária (S)
- . Subsistência (SB)
- . Embrionária (E)
- . Potencial (PT)

A razão da existência dos Relatórios Municipais, *a priori*, seria a de dar subsídios à realização dos PDRI's - Programas de Desenvolvimento Regional Integrado, através de informações devidamente sistematizadas. Os PDRI's são diagnósticos elaborados para cada uma das cinco Regiões-Programas em que o Espírito Santo está oficialmente dividido.

Na redação do Relatório Municipal foi utilizada uma série de termos, frutos de longa discussão e elaboração metodológicas. Outros foram incorporados, na medida em que se necessitava da explicitação de uma realidade ampla e complexa. Esta terminologia será aqui decodificada para uma melhor compreensão destes diagnósticos:

- . *Setor de Produção* - divisão espacial do município de acordo com uma determinada cultura hegemônica (ex.: cana) ou um conjunto de culturas

existentes. Cada setor seria, a princípio, caracterizado pelas principais culturas que se desenvolvem em seu interior.

- . *Bolsão* - entende-se por *Bolsão*, a delimitação geo-econômica de alguma cultura ou grupo de culturas combinadas que sobrevivem no interior do *Setor de Produção*.
- . *Setor Censitário* - é uma divisão espacial feita pelo IBGE para recenseamentos. Compreende uma fração do território municipal passível de ser coberta por um só recenseador (em média 250 domicílios). Esta divisão é denominada *Malha Censitária* e é ajustada a casa censo.
- . *Complexo* - É um espaço geo-econômico, pertencente a uma *Região-Programa*¹ que pode ou não ultrapassar os limites municipais ou dos *Setores de Produção*. *A noção de Complexo se define por uma particular articulação de culturas e relações de produção, imprimindo uma determinação dinâmica à produção de cada espaço rural específico*². Assim sendo, o nome do Complexo é dado pelas principais (ou principal) culturas na geração da renda deste espaço. Por exemplo, a área em que o café é o responsável pela maior parte da renda gerada seria denominada Complexo - Café; no caso da pecuária e a mandioca juntos, Complexo - Pecuária/mandioca; assim por diante.
- . *Região-Programa* - O Espírito Santo foi dividido oficialmente em cinco *Regiões-Programas* para fins de planejamento:
 - . *Região-Programa I* - Vitória
 - . *Região-Programa II* - Colatina
 - . *Região-Programa III* - Nova Venécia
 - . *Região-Programa IV* - Linhares
 - . *Região-Programa V* - Cachoeiro de Itapemirim

¹O conceito de *Região-Programa* será dado a seguir.

²Transcrito do item Aspectos Metodológicos do *PDRI - Região Programa II - Colatina*.

. *Condições do Produtor*³

- 1) Proprietário - quando as terras do estabelecimento, no todo ou em parte, fossem de sua propriedade (inclusive por usufruto e enfiteuse).
- 2) Arrendatário - sempre que as terras do estabelecimento tivessem sido tomadas em arrendamento, mediante o pagamento de uma quantia em dinheiro (fixo), ou sua equivalência em produtos.
- 3) Parceiro - quando as terras do estabelecimento fossem de propriedade de terceiros e estivessem sendo exploradas em regime de Parceria, mediante contrato verbal ou escrito, do qual resultasse a obrigação de pagamento ao proprietário, de um percentual da produção obtida.
- 4) Ocupante - nos casos em que a exploração se processasse em terras públicas, devolutas ou de terceiros (com ou sem consentimento do proprietário), nada pagando o Produtor pelo seu uso.

. *Relações de Trabalho*

- 1) Mão-de-Obra Familiar - é composta pelos componentes da família do proprietário.
- 2) Assalariado Permanente e Assalariado Temporário - na categoria assalariados foram consideradas as pessoas que trabalhavam mediante remuneração em dinheiro. Os assalariados são apresentados discriminadamente em: assalariado permanente, os que exerciam atividade de caráter efetivo ou de longa duração e assalariado temporário, os contratados para atividades eventuais ou de curta duração.
- 3) Parceiros⁴ - são consideradas as pessoas subordinadas à administração do estabelecimento, que percebiam como remuneração, parte da

³Transcrição do Censo Agropecuário - FIBGE - 1975.

⁴Idem Nota 3.

produção obtida com seu trabalho (meia, terça, quarta, etc.).

. *Utilização das Terras*⁵

- 1) Lavouras Permanentes - compreendendo terras plantadas ou em preparo para o plantio de culturas de longa duração, tais como: café, banana, laranja, cacau, uva, etc., após a colheita não necessitam de novo plantio.
- 2) Lavouras Temporárias - abrangendo as áreas plantadas ou em preparo para o plantio de culturas de curta duração (via de regra menos que um ano) e que necessitam, geralmente, ser plantadas após cada colheita, tais como: arroz, algodão, milho, trigo, flores, hortaliças, etc. Incluíram-se também nesta categoria as plantas forrageiras destinadas a corte.
- 3) Terras em descanso - terras habitualmente utilizadas para o plantio de Lavouras Temporárias, que se encontram em descanso por prazo não superior a 4 anos em relação ao último ano de sua utilização.
- 4) Pastagens Naturais - constituídas pelas áreas destinadas ao pastoreio de gado, sem terem sido formadas mediante plantio, ainda que tenham recebido algum trato.
- 5) Pastagens Plantadas - áreas destinadas ao pastoreio, formadas mediante plantio.
- 6) Matas Naturais - formadas pelas áreas de matas e florestas naturais utilizadas para extração de produtos ou conservadas como reservas florestais.
- 7) Matas Plantadas - áreas plantadas ou em preparo para o plantio de essências florestais (acácia negra, eucalipto, pinheiro, etc.).

⁵Id., *ibid.* Nota 3.

- 8) Terras produtivas não utilizadas - áreas que se prestam à formação de culturas, pastos ou matas e não estejam sendo usadas para tais fins.
- 9) Terras inaproveitáveis - formadas por áreas imprestáveis para formação de culturas, pastos e matas, tais como: areias, pântanos, en costas íngremes, pedreiras, etc., e as formadas pelas áreas ocupa das com estradas, caminhos, construções, canais de irrigação, açu des, etc.

2,

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO

O município de Nova Venécia polariza a região de mesmo nome (Região-Programa III de Nova Venécia), tendo uma área territorial de 1.917km², significando 20% da área total da referida Região.

Limita-se ao Norte/Nordeste com os municípios de Mucurici e Boa Esperança, a Leste com o Município de São Mateus, ao Sul com o município de São Gabriel da Palha, a Oeste com o município de Barra de São Francisco e a Noroeste com o município de Ecoporanga. Situa-se na porção Centro-Sul da Região-Programa III.

O município possui boas condições topográficas (característica geral da Região, a não ser a porção do extremo-Oeste), com relevo razoavelmente regular. 72% do seu território possui declividade abaixo de 30% e somente 28% das terras com declividade acima daquele pantamar.

Os solos caracterizam-se por uma fertilidade média e levemente ácidos. Do ponto de vista do uso, têm aptidão restrita e regular, na média do município.

Suas principais atividades agropecuárias são:

- Pecuária
- Café
- Mandioca
- Milho
- Feijão
- Arroz
- Banana
- Reflorestamento

A pecuária, o café e a mandioca constituem as atividades de maior expressão, do ponto de vista da renda gerada.

Por sua vez, as atividades voltadas para o reflorestamento são expressivas, constituindo apenas um pequeno bolsão situado na porção extremo-Norte do município.

O quadro a seguir mostra a evolução (e involução) das principais atividades agrícolas na década de 1970-1980:

NOVA VENÉCIA

EVOLUÇÃO DAS ÁREAS (ha) UTILIZADAS EM LAVOURA TEMPORÁRIA, PERMANENTE E PASTAGENS - 1970/1975/1980.

ATIVIDADE AGRÍCOLA	1970	1975	1980	%
Lavouras Temporárias	15.951	11.329	9.431	- 41
Lavouras Permanentes ⁽¹⁾	11.780	13.173	23.691	+101
Pastagens	99.389	115.251	134.010 ⁽²⁾	+ 35

Fonte: *Censo Agropecuário do Espírito Santo, 1970/1975*, in IJSN, *Estudos Básicos* (Região-Programa III de Nova Venécia).

Dados preliminares do *Censo Agropecuário, 1980*

(1) Café

(2) Área inferida, a partir dos dados preliminares do *Censo Agropecuário, 1980*, calculada da seguinte forma:

$1,4172727$ (desn. área past./bov.) x 94.555 (tot.bov.) = 134.010 ha.

A evolução de área utilizada na década de 50%, indica claramente que houve um significativo aumento no plantio de cafeeiros no município. Mesmo que a área utilizada em pastagens tenha sofrido uma evolução de 35% ao longo da década considerada, é importante frisar que a população bovina *decreceu* em 23% de 1975 a 1980, passando de 122.560 cabeças para 94.555.

Não se tem uma explicação clara para o decréscimo das áreas utilizadas em lavouras temporárias. Pode-se argumentar o seguinte:

- a) problemas advindos da coleta dos dados do Censo (é muito grande a variação de área colhida de lavouras temporárias ano a ano);
- b) áreas tradicionais utilizadas com lavouras temporárias sendo transformadas em áreas de pastagens.

Nesta apresentação inicial do município, é fundamental reter que as culturas que desempenham o mais importante papel no seu universo agrícola são o café e a pecuária¹.

Para os pequenos produtores, a mandioca desempenha igualmente um importante papel, principalmente na proção Nordeste do município.

As demais culturas (milho, feijão e arroz) dão ao pequeno produtor e ao parceiro condições de reproduzirem sua força de trabalho.

A banana, como cultura embrionária no município, é explorada na forma empresarial.

¹A metodologia de trabalho dos PDRI's coloca a renda gerada pela cultura como o mais importante critério para se julgar sua predominância num determinado espaço geo-econômico. Assim, inferiu-se o valor de produção do café e da pecuária para o ano de 1980:

Café = 9431 x 100 (índice) = 943.100

Pecuária = 134.010 x 15 (índice) = 2.101.150

Como se vê, ambas estão aproximadamente na mesma posição.

3. SETORES DE PRODUÇÃO/BOLSÕES - CULTURAS EXISTENTES

Neste item procurar-se-á analisar os setores de produção que existem no município, bem como os bolsões que se reproduzem no seu interior.

Tais setores de produção são comandados por culturas principais, quer na forma unitária ou combinadas entre si. Normalmente as culturas de subsistência têm o papel de garantir o desenvolvimento das relações sociais de produção homogeneizadas pelas culturas principais.

Por sua vez, os bolsões definem-se como espaços geo-econômicos de produção, com características próprias, delimitando um espaço sócio-econômico diverso daquele engendrado pela(s) cultura(s) principal(is), ou de suas articulações entre si, ou de suas interações com as culturas secundárias do setor.

Em sua área territorial, o município de Nova Venécia define 5(cinco) setores de produção, conforme apresentação a seguir:

3.1. SETOR DE PRODUÇÃO 1

Situa-se no extremo-Norte do município, com a menor área apropriada. Compõe-se das seguintes culturas:

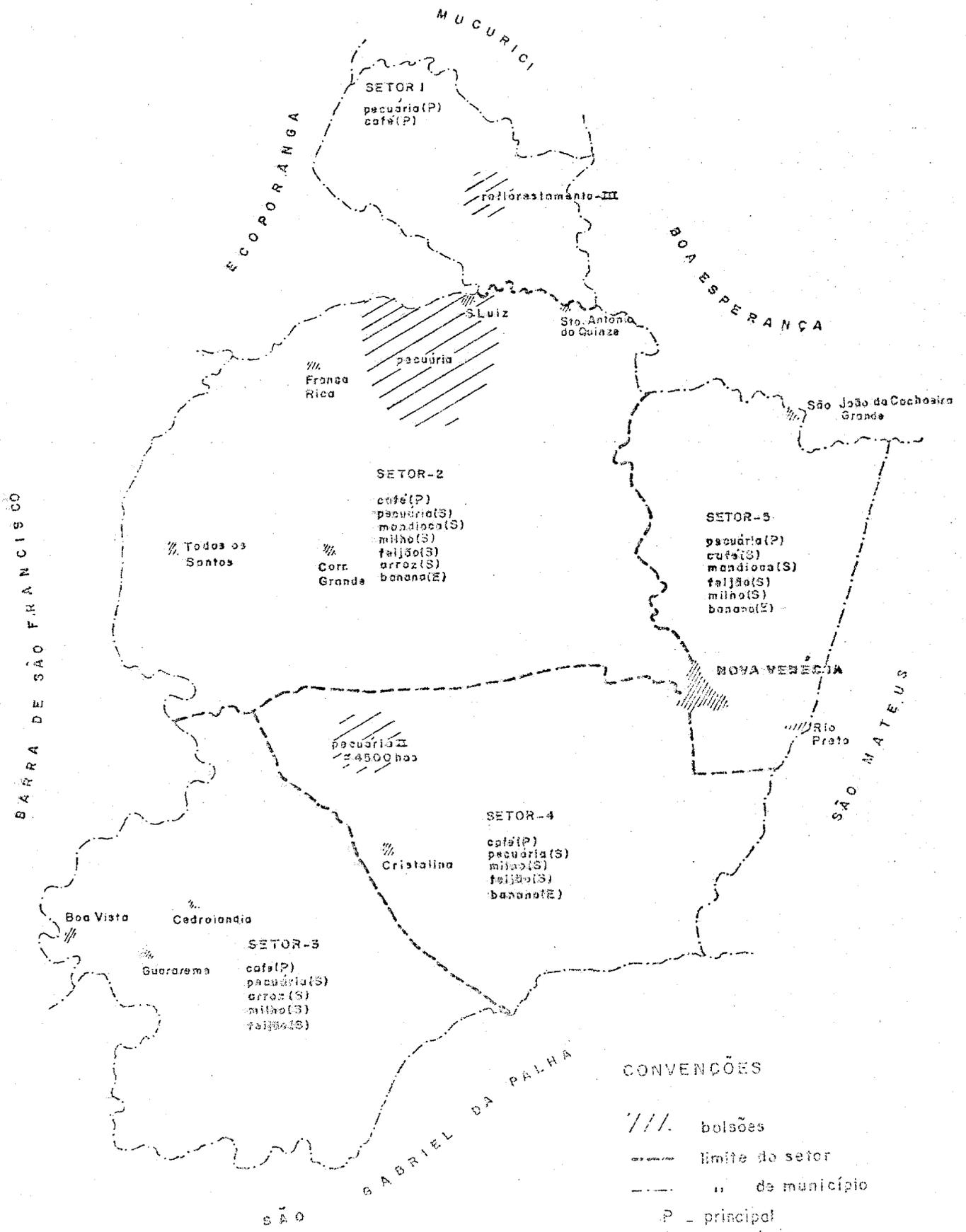
- Pecuária (principal)
- Café (principal)
- Reflorestamento (bolsão).

Como indicado, a pecuária e o café desempenham o papel de culturas principais¹. Entretanto, é de se supor que a pecuária predomine sobre o

¹Cf. Informações do Escritório Local da EMATER.

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

setores de produção



café¹. Ou seja, sob a ótica da renda gerada para um determinado conjunto de produtores, a pecuária é mais importante.

Neste aspecto, delineia-se no setor um *complexo excludente*, sendo que neste movimento o café avança sobre áreas antes utilizadas no desenvolvimento da pecuária ou sobre áreas inaproveitáveis do setor. Desta feita, o complexo é definido a partir da expansão do café sobre a pecuária e não do contrário.

Este movimento de homogeneização por parte do café é relativamente recente, vindo à tona fundamentalmente a partir dos anos 70, quando o plantio de novos cafeeiros ganhou vigor em todo o município e em outros vizinhos, como é o caso de São Gabriel da Palha, Barra de São Francisco e Boa Esperança.

Tanto o café quanto a pecuária, desenvolvem-se em altiplanos e áreas montanhosas, não se verificando no setor a dualidade "café nas encostas e pecuária nas baixadas", comuns nos municípios do sul do Estado.

A pecuária deste setor é caracteristicamente pesada, desenvolvida, no geral, como estratégia empresarial do grande produtor. Por isso, não é de se estranhar que os maiores pecuaristas do município localizem-se neste setor de produção.

Apesar de as características fundiárias das áreas utilizadas em lavou ras permanentes não terem ficado muito claras a partir do depoimento do técnico da EMATER local, é de se supor que o café esteja mais presente nos estabelecimentos de menor área. Pode-se inferir também que esta cultura, em relação à pecuária, desempenhe um importante papel no sentido de fixar a mão-de-obra no campo, semelhantemente ao que ocorre no município de Colatina².

Como se afirmava na "Introdução" deste Relatório, as atividades ligadas ao reflorestamento neste setor de produção são inexpressivas em relação ao conjunto das atividades agrícolas do município. Tais atividades encon

¹Cf. Depoimento de Waldir Magewski, nov./82.

²Veja Relatório Municipal de Colatina.

tram-se em plena decadência: segundo informações do técnico da EMATER, os cortes das árvores não são substituídos por novos plantios. Não foi possível um aprofundamento das causas que determinaram o processo de decadência.

Segundo informações obtidas a partir dos dados censitários de 1980¹, o café desempenha um importante papel em mais de 50% da área apropriada pelo setor de produção. Nesta área, os dados de renda gerada inferida definiram um sub-setor "Café-Pecuária". Apesar dos possíveis erros embutidos no processo de cálculo, isto evidencia o que se afirmava anteriormente: o café determina, juntamente com a pecuária, o conjunto das relações sociais de produção existentes no setor. Isto se dá de duas maneiras:

- a) ora avançando sobre áreas tradicionais de pecuária ou inproveitadas, hegemonizando as relações na tipificação "complexo unitário".
- b) ora "convivendo" com a pecuária (seja a nível micro-intra-estabelecimento, ou macro-inter-estabelecimentos), garantindo-lhes as condições gerais de existência, na função de cultura secundária.

3.2. SETOR DE PRODUÇÃO 2

Situa-se na porção centro-Noroeste do município, com a maior área apropriada. Compõe-se das seguintes culturas:

- Café (principal)
- Pecuária (secundária - bolsão, no extremo-Norte)
- Mandioca (secundária)
- Milho (secundária)
- Feijão (secundária)
- Arroz (secundária)
- Banana (embrionária).

¹Veja nota 1 da "Introdução".



Neste setor existe a maior concentração de pequenos produtores do município, em razão da dominância do café como cultura principal e de fatores étnico-culturais: a região fora ocupada originariamente por pomeranos.

Mas esta característica tende a se transformar rapidamente, em vista de mudanças que ocorrem no setor, determinando importantes alterações na sua estrutura fundiária. Este processo de concentração da propriedade da terra é dirigido por alguns grandes proprietários que anexam terras de pequenos produtores, gerando, com isso, o maior índice de êxodo rural do município¹.

O café determinando a gama de relações sociais existentes no setor, indica um *complexo combinado*, sendo que ultimamente esta cultura vem se expandindo sobre áreas inaproveitadas ou em descanso. Desenvolve-se em altiplanos e áreas montanhosas.

A pecuária do setor é de subsistência, garantindo a complementação da renda dos pequenos produtores. Além do bolsão de pecuária existente no extremo-Norte do setor, outros dois são definidos pelo mapeamento a partir dos dados censitários de 1980: um a sudeste e outro a noroeste, na divisa com os municípios de Ecoporanga/Barra de São Francisco.

É importante assinalar que os dados censitários de 1980 definem o café como a cultura de maior apropriação de área do setor.

O milho, o feijão, a mandioca e o arroz cumprem o papel de subsistência humana e animal, expandindo-se prioritariamente nos pequenos estabelecimentos. As três primeiras culturas desenvolvem-se em áreas montanhosas e planas, no geral. O arroz é cultivado em várzeas úmidas, com baixo grau de tecnificação.

¹Cf. Informações de Waldir Magewski, nov/82. A única alternativa desses pequenos agricultores é se dirigirem a Rondônia.

A banana é cultivada como estratégia empresarial, estendendo-se em uma área aproximada de 20ha, se bem que com grandes perspectivas de crescimento no setor. Expande-se pelas áreas de encosta.

3.3. SETOR DE PRODUÇÃO 3

Situa-se na porção extremo-Sudeste, apropriando-se de grande área do sul do município. Trata-se de um *complexo combinado*, tendo o café a tendência de se expandir em áreas inaproveitadas ou de florestas naturais. Esta é uma região tradicional de produção de café (antes da erradicação do final dos anos 60, o café detinha a hegemonia absoluta no setor).

Prédominam no setor os pequenos estabelecimentos, sendo que o café neste setor de produção se estende por áreas acidentadas.

A pecuária do setor cumpre o papel de subsistência, no geral.

O mapeamento feito a partir dos dados censitários de 1980 aponta com precisão quase que absoluta para a composição do café-pecuária do setor. Sobre este aspecto, é importante observar que não se apresenta nenhuma mancha contígua de pecuária no setor. No item posterior, "Estrutura Fundiária", poder-se-á delimitar com mais clareza a combinação das duas culturas.

O milho e o feijão, consorciados ao café, cumprem também o papel de subsistência dos pequenos produtores e parceiros.

Na maior parte das áreas em que é cultivado, o arroz desenvolve-se em várzeas úmidas, com baixo nível de tecnificação. São inexpressivas as áreas de arroz sistematizado, correspondendo a um pequeno percentual da totalidade da produção do setor.

3.4. SETOR DE PRODUÇÃO 4

Localiza-se na parte centro-Sul do município, apropriando-se de uma área mais ou menos equivalente à do setor 3. As culturas que se reproduzem no seu interior são as seguintes:

- Café (principal)
- Pecuária (secundária)
- Milho (secundária)
- Feijão (secundária)
- Banana (embrionária)

Segundo informações da EMATER, constitui uma área de pequenos estabelecimentos.

Segundo o mesmo desenvolvimento dos setores 2 e 3, o café combina-se com a pecuária (portanto delineando um *complexo combinado*), sendo que o primeiro tende a se expandir em áreas inaproveitadas, áreas em descanso, áreas de florestas naturais, etc.

Difere-se do setor 3, pelo fato de a pecuária se destacar mais, com a existência de alguns grandes pecuaristas. Esta informação confere com o mapeamento feito a partir dos dados censitários de 1980, em que:

- a) o setor se encontra totalmente heterogeneizado no tocante às combinações café-pecuária;
- b) uma expressiva mancha de pecuária apropria-se de uma grande área do setor, expandindo-se do extremo-Sul ao extremo-Norte;
- c) a combinação café-pecuária constitui uma importante faixa a Leste-Sudoeste do setor;
- d) o café (sem combinação) forma uma mancha na área central do setor e
- e) o mesmo se apropria do extremo-Noroeste do setor, como resultado da expansão da mancha, vinda do setor 2, pelo Norte.

Como se vê, através da breve análise anterior, torna-se difícil afirmar que este setor tenha somente no café sua sustentação a nível de cultura principal. Pode-se inferir, portanto, que a pecuária signifique mais que uma mera cultura de "apoio". É possível que esta compita com aquela a ocupação dos espaços econômicos do setor de produção.

Caso a análise da estrutura fundiária do setor indique uma razoável concentração em termos de área apropriada, pode-se acreditar que tais inferências estejam bem próximas da realidade.

Repetindo o mesmo esquema anterior, o milho e o feijão, culturas consorciadas ao café, significam apenas culturas de subsistência¹.

A banana, cultivada em encostas, numa área de aproximadamente 15ha, é desenvolvida por grandes produtores na forma empresarial.

3.5. SETOR DE PRODUÇÃO 5

Do ponto de vista das futuras mudanças nos pólos da produção agrícola municipal, este é o setor mais importante.

Localiza-se a Nordeste do município, com a segunda menor área apropriada. Apresenta as seguintes culturas:

- Pecuária (principal)
- Café (secundária)
- Mandioca (secundária)
- Milho (secundária)
- Feijão (secundária)
- Banana (secundária)

¹O milho, apesar de produzido para subsistência, se concentra neste setor como a maior produção do município (projeto de suinocultura integrada da COOPNORTE).

Segundo informações da EMATER, trata-se de um setor de médios estabelecimentos. No tocante ao engendramento do complexo, pode-se fazer duas análises do setor¹:

- a) Mesmo a pecuária desempenhando o papel de cultura principal, a tendência no setor é de o café avançar sobre áreas utilizadas em pastagens. Assim, num futuro próximo, o café fatalmente suplantaria a pecuária em importância. Esta análise indica um *complexo combinado*, em vias de transição. Ou seja: pecuária-café → café-pecuária.
- B) Atualmente a dominância das culturas no setor se dá da seguinte maneira: pecuária (19); mandioca (29); café (39). Quer dizer: a combinação principal é da pecuária com a mandioca e não daquela com o café. A realidade fundiária do setor é definida pela localização da pecuária nos grandes estabelecimentos, convivendo com a mandioca nos pequenos.

Em 1983 será instalada no setor uma fábrica de ração para suínos a partir da raspa de mandioca. Isto fará com que a demanda pela matéria-prima pressione os já então produtores a aumentar sua produção/produktividade. No mesmo sentido, que outros produtores se ingressem no mercado, determinando, no geral, a liberação de novas áreas para o cultivo da raiz. Estas novas áreas serão roubadas da pecuária.

Por outro lado, as condições gerais de solo e relevo propiciam este possível avanço da mandioca. Com o decorrer dos anos, as áreas agriculturáveis do setor tenderão a ser tomadas pela mandioca e pelo café, com a conseqüente diminuição das áreas de pastagens.

Esta análise indica o mesmo *complexo combinado*, sendo que sua composição interna será definida pelas articulações, entre o café e a mandioca. Caso o projeto-fábrica de ração ganhe peso na região, impulsionado por uma

¹A primeira, segundo informações da EMATER. A segunda, conforme depoimento gravado de Waldir Magewski, nov/82.

conjuntura favorável ao desenvolvimento da suinocultura, possivelmente de um momento de transição, o complexo passe a se definir como *excludente*, seguindo à frente a mandioca no rumo da homogeneização.

Os dados censitários de 1980 definem duas áreas fundamentais no setor: uma faixa de café-pecuária a Leste e outra de café a Oeste-Noroeste. No extremo-Sudeste do setor incide uma pequena mancha de pecuária, inexpressiva em relação à totalidade da área do setor. Esta indicação confirma a análise geral do setor: combinada às duas culturas hogemônicas, a pecuária perde espaço, caminhando para uma expressão cada vez menor.

Diferentemente dos outros setores, o milho e o feijão são culturas isoladas do café ("solteiras"). São de subsistência, embora o excedente seja comercializado.

Como ficou implícito na análise anterior, a mandioca é cultivada como cultura "solteira", sendo a maior produção do município. Hoje, sua função geral é a de complementar os rendimentos do pequeno produtor e dos parceiros.

A banana, cultivada em aproximadamente 40ha, tem sua forma de exploração semelhante à do setor 4.

3.6. BOLSÕES

3.6.1. BOLSÃO PECUÁRIA I

Situa-se no extremo-Norte do setor de produção 2, sendo pecuária mista, tendendo mais para o leite do que para o corte. Neste bolsão atuam médios e grandes produtores (11-500ha), sendo que a produção é razoavelmente bem tecnificada. Esta pecuária é desenvolvida como estratégia empresarial.

3.6.2. BOLSÃO PECUÁRIA II

Situando-se no extremo-Noroeste do setor de produção 4, apropria-se de aproximadamente 4.500ha, correspondendo a um s̄o estabelecimento¹. Pode ser considerado um bolsão de pecuária tecnificada, sendo a estratégia do produtor de caráter empresarial.

3.6.3. BOLSÃO REFLORESTAMENTO III

Apesar de sua inexpressividade, já explicitada anteriormente, apropria-se de uma área aproximada de 500ha, segundo informação da EMATER. Não há perspectiva de aumento do plantio.

3.7. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Praticamente toda a produção de café do município é do tipo "Conillon".

No geral, a pecuária no município é desenvolvida na forma extensiva; apenas 2 proprietários o fazem na forma intensiva.

¹A quase totalidade da área do bolsão situa-se no setor censitário 20 de Nova Venécia. Neste setor censitário aparece apenas um estabelecimento com mais de 1000ha, correspondendo a 3398,6ha. Portanto, os 4.500ha informados pela EMATER, devem ser reduzidos para 3398,6ha do censo.

4.

CONDIÇÕES NATURAIS

O município de Nova Venéncia caracteriza-se por uma topografia razoavelmente regular, comparando-o com outros, como Cachoeiro de Itapemirim e Colatina.

72% de sua superfície tem declividade abaixo de 30%. Ilustrando esta regularidade de relevo, é importante assinalar que no município predominam as cotas de 100 a 200m, à exceção de pequenas formações de 400m nos setores de produção 2 e 5¹. A quase totalidade de sua superfície é dominada pela *Zona Serrana*, se bem que manchas importantes da *Zona das planícies vitorâneas e terras arenosas de interior* espriam-se pelos setores 2, 4 e 5 (*Id.*, mapa II, p.40).

As condições climáticas (segundo classificação de Koppen) são definidas por uma predominância acentuada do *clima tropical quente, com seca nas baixadas*; entretanto, a maior parte da área do setor produção 3 é caracterizada pelo *mesotérmico* (verão quente), *com seca* (*Id.*, *ib.*, mapa VI, p.49). A temperatura média anual (isoterma anual) do município varia entre 22 e 24 graus centígrados (*Id.*, *ib.*, mapa IX, p. 52).

Segundo informações da EMATER, o regime anual de chuvas é definido pelos períodos:

- Outubro a março: chuvas
- Abril a setembro: estio

O mapa de *isoietas anuais* define: os setores de produção 3 e pequena parte do 4 têm uma precipitação pluviométrica média anual variante de 1.000 a 1.250mm.

Já os setores 1, 2, parte do 4 e 5, uma precipitação média em torno de 1.250 a 1.500mm (*Id.*, *ib.*, mapa VIII, p. 51). Em outras palavras, os setores de produção 1, 2 e 5, ao longo do ano agrícola, são mais privilegiados com chuvas.

¹Cf. IJSN, *Desenvolvimento Regional - Vol. 1: Plano Regional de Nova Venéncia* - versão preliminar para discussão, mapa III, p. 41. Obs.: as citações seguintes serão feitas com a simples indicação do mapa, entre parênteses.

Quando ocorrem secas mais graves no município, a pecuária, o feijão e o milho são as atividades agrícolas mais afetadas. Ao contrário, inundações são pouco frequentes e inexpressivas no território municipal.

É importante o fenômeno da erosão do solo. Áreas mais críticas: boa parte dos setores de produção, 2, 3 e 4 (nas cercanias de "Cristalina, Luzilândia, São José, Guarani, Guararema, Pavão", etc.). Segundo a EMATER, trata-se de um fenômeno grave, tendo em vista a composição do solo, mais ou menos arenosa, propiciando o desgaste.

Os setores de produção 2 e 4 têm fertilidade natural do solo maior.

As condições de relevo do município propiciam áreas importantes de mecanização, levando certas culturas a um aumento substancial de produtividade, tanto a nível da área plantada como em relação ao potencial de força de trabalho utilizada. Esta *démarche* estará condicionada às condições gerais determinadas pelo mercado de produtos agrícolas: seja na esfera da demanda interna ou externa, de acordo com os condicionantes engendrados pelo capital comercial local e regional.

Como visto no item anterior, as condições naturais possivelmente facilitarão o avanço da mandioca sobre áreas utilizadas com pastagens ou inaproveitadas. Este espraiamento limitar-se-á às cercanias da sede, absorvendo partes dos setores de produção 2, 4 e 5, se bem que tal perspectiva englobe mais o setor 5 que os outros dois.

Por outro lado, o mercado regional e nacional de produtos agrícolas como o milho e o feijão (lavouras temporárias) determinarão um movimento sanfonado, no sentido da expansão e/ou retração dos mesmos em relação a áreas potenciais. *Obs.:* é importante assinalar que a expansão da demanda pelo feijão na região determinou o plantio deste grão no município de Boa Esperança em níveis tecnológicos mais avançados (veja Relatório Municipal de Boa Esperança).

5. ESTRUTURA AGRÁRIA

5.1. INTRODUÇÃO

O quadro abaixo mostra as condições fundiárias gerais do município, relativas às áreas apropriadas pelos estabelecimentos, segundo o estrato de classificação:

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

QUADRO I - ÁREA OCUPADA SEGUNDO OS ESTRATOS

ESTRATO	ÁREA OCUPADA	%	ESTABELECIMENTO	%
0-10	2.732,33	1,7	414	17,8
10-50	32.028,70	20,2	1.154	49,5
50-100	28.662,46	18,1	400	17,2
100-500	61.678,34	38,9	325	14,0
500-1000	19.255,14	12,1	28	1,2
+1000	14.137,11	8,9	08	0,3
TOTAL	158.494,08	100,0	3.329	100,0

Fonte: Dados preliminares do *Censo Agropecuário*, 1980.

Os estabelecimentos de até 100ha se apropriam de 40% do total da área ocupada do município, correspondendo a quase 2 mil (1968) estabelecimentos, significando 84,5% do total.

Por outro lado, os estabelecimentos de 100 a 500ha apropriam quase 40% da área total (38,9) dos estabelecimentos.

Estes dados indicam com clareza como se dá a dinâmica das relações entre o café e a pecuária no município: enquanto o primeiro se apropria (a nível de dominância) dos pequenos e médios estabelecimentos, a segunda desenvolve-se naqueles de área mais concentrada.

Segundo o Quadro II,

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

QUADRO II - ÁREA DE LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS APROPRIADAS PELOS ESTABELECIMENTOS, SEGUNDO OS ESTRATOS.

ESTRATO	ÁREA DE LAVOURA PERMANENTE	%	ÁREA DE LAVOURA TEMPORÁRIA	%
0-10	1.422,36	6,0	620,72	6,6
10-50	9.769,63	41,2	3.740,98	39,7
50-100	4.695,86	19,8	1.901,70	20,2
100-500	5.827,71	24,6	2.378,00	25,2
500-1000	952,70	4,0	469,78	5,0
+1000	1.038,09	4,4	320,05	3,4
TOTAL	23.706,35	100,0	9.431,23	100,0

Fonte: Dados preliminares do *Censo Agropecuário*, 1980.

67% das áreas utilizadas em lavouras permanentes situam-se nos estabelecimentos menores de 100ha. Praticamente o mesmo se dá em relação às lavouras temporárias: 66,5%. O café e as lavouras temporárias são praticamente inexpressivos nos estabelecimentos muito grandes: 8,4% de área apropriada.

Por outro lado, o quadro a seguir mostra que

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

QUADRO III - ÁREA DE PASTAGENS, SEGUNDO OS ESTRATOS

ESTRATO	ÁREA DE PASTAGENS ¹	%
0-10	689,25	0,5
10-50	18.518,09	14,7
50-100	22.064,90	17,6
100-500	53.472,63	42,6
100-1000	17.832,66	14,2
+1000	12.778,97	10,2
TOTAL	125.356,50	100,0

Fonte: Dados preliminares do *Censo Agropecuário*, 1980.

¹Inferida: STO-SLP-SLT

apenas 33% da área total de pastagens do município é apropriada pelos estabelecimentos menores que 100ha. Concentra-se exatamente nos estabelecimentos de 100 a 1000ha (57%). É importante observar que estes são indicadores, mostrando, entretanto, que o fenômeno da concentração fundiária, em relação à pecuária, é geral no município.

Os dados do Quadro IV corroboram o que se afirmava anteriormente, pois na medida em que crescem os estratos, a densidade de área de pastagens por estabelecimento se torna maior, sendo que do primeiro (0-10) para o segundo (10-50), superior ao crescimento geométrico¹.

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

QUADRO IV - DENSIDADE DE ÁREA DE PASTAGEM¹ POR ESTABELECIMENTO

ESTRATO	DENSIDADE
0-10	1,7
10-50	16,0
50-100	55,2
100-500	164,5
500-1000	636,9
+1000	1.597,4
TOTAL	53,8

Fonte: Dados preliminares do *Censo Agropecuário*, 1980.

¹Inferida: ST0-SLP-SLT.

¹A densidade de área significa a *média* de área no estrato.

5.2. ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Os dados preliminares do IBGE (1980) indicam uma estrutura fundiária, segundo o número de estabelecimentos, com quase absoluta dominância do estrato 10-100ha.

Como exceção, configuram-se apenas duas manchas no estrato 100-500ha, presentes nos setores de produção 2 e 4. No primeiro, a noroeste; no último, a sudoeste. A presença da mancha no setor de produção 4 reflete a estrutura fundiária mais concentrada do mesmo em relação aos outros setores, definidos a partir da combinação café-pecuária como culturas principais. É importante ainda salientar que ambas as manchas coincidem exatamente com a presença da pecuária, segundo o mapeamento feito a partir dos dados inferidos de acordo com o critério de valor gerado pelas culturas (café e pecuária).

A estrutura fundiária do município segundo a área apropriada pelos estabelecimentos desenha uma dinâmica bem mais complexa e variada. Não há, como no caso anterior, uma certa homogeneização de um estrato apenas.

Do ponto de vista de uma maior concentração, em grande parte do município predominam os estratos 100-500ha e 500 a mais. O estrato 100-500ha desenha uma importante feixa que nasce ao Norte (setor de produção 2), percorrendo todo o Nordeste-Leste-Sudeste, vindo morrer no extremo-Sul.

Outra mancha que merece destaque é a formada pelo estrato 500 a mais, ocupando a maior parte da área do setor de produção 4.

Por ser extremamente difícil descrever a realidade fundiária do município a partir das manchas de concentração, far-se-á a seguir um estudo de cada setor de produção em particular segundo estas determinações.

5.2.1. SETOR DE PRODUÇÃO 1

Está praticamente repartido ao meio pelos estratos 100-500ha e 500 a mais. Isto significa que, do ponto de vista da área apropriada, prepondera no se

tor o estrato 100ha a mais. Tendo na pecuária sua cultura principal, os dados de estrutura fundiária corroboram a existência desta atividade agrícola como algo expressivo no setor.

5.2.2. SETOR DE PRODUÇÃO 2

Na margem, os estratos 100-500ha e 500 a mais têm expressão no setor. Ao Norte, possivelmente se trata de uma projeção da pecuária do setor de produção 1 (pode-se supor que esta porção do setor tenha características de uma *zona de transição*). As outras manchas que aparecem a Sudeste, ao Sul e a Noroeste, possivelmente representam espaços geo-econômicos em que a pecuária seja dominante, na sua articulação com o café.

Por outro lado, a presença dessas manchas de maior concentração podem indicar o movimento de apropriação de terras por parte de grandes proprietários, expulsando as antigas e tradicionais famílias pomeranas da região¹.

5.2.3. SETOR DE PRODUÇÃO 3

O estrato 100-500ha tem significativa importância na porção Sudeste-Sul do setor. Na sua parte central sobressai uma mancha de 500 a mais. A partir daí, pode-se inferir que a combinação café-pecuária do setor (absolutamente hegemônica, segundo o mapeamento a partir do valor gerado) tenha um substrato mais real, além de se supor que no interior dos espaços definidos por tais manchas a pecuária tenha preponderado sobre o café.

5.2.4 - SETOR DE PRODUÇÃO 4

A quase totalidade da área do setor é dominada pelos estratos 500ha a mais e 100-500, sendo o primeiro mais expressivo. Estes dados confirmam a condição do setor como o mais concentrado em relação aos outros dois em que o café aparece como a cultura principal (2 e 3). Além do mais, questio

¹Veja segundo parágrafo da p. 17, especialmente a nota de rodapé (1)

nam a fundo a dominância do café no setor. Por isso, pode-se afirmar que o setor seja definido pela combinação café-pecuária, com dominância da segunda cultura sobre a primeira.

5.2.5. SETOR DE PRODUÇÃO 5

Expressa-se como estrato preponderante do setor o de 100-500ha, confirmando a primazia da pecuária sobre as demais culturas. Repetindo o que ficou explicitado anteriormente, a mandioca tenderá no futuro a se expandir sobre áreas da pecuária e do café. Pode-se imaginar algumas transformações fundiárias em razão desta expansão:

- a) os médios e grandes proprietários transformando a mandioca em importante fonte de lucratividade, perpetuando a dominância de maiores estratos;
- b) caso a política da COOPNORTE, através da fábrica de ração a ser instalada, venha realmente beneficiar os pequenos produtores (integrados com a suinocultura), possivelmente na região se inicie um processo de parcelamento da posse da terra, favorecendo a pequena produção;
- c) uma terceira hipótese seria um prolongamento através do tempo das condições fundiárias atuais: o "convívio" dos pequenos estabelecimentos com os grandes, sendo estes últimos os esteios do setor a nível de apropriação de maiores áreas de terra.

Superpondo-se os mapas de estrutura fundiária segundo o número de estabelecimentos e segundo a área, chega-se a duas manchas, presentes nos setores de produção 2 e 4. Conforme já tratado anteriormente, a primeira, situada no setor de produção 2, concentra-se nos estratos 100-500ha, 500 a mais. A segunda ao sul do setor 4, concentra-se no estrato 100-500ha em ambos os mapas.

Trata-se, por fim, de observar que estas manchas refletem simplesmente um fenômeno geral que permeia qualquer análise fundiária do território municipal: na sua disputa espacial com o café, a pecuária determina concentração fundiária mais expressivas em consequência de sua forma extensiva de reprodução, isto a nível da área apropriada por um conjunto de estabelecimentos.

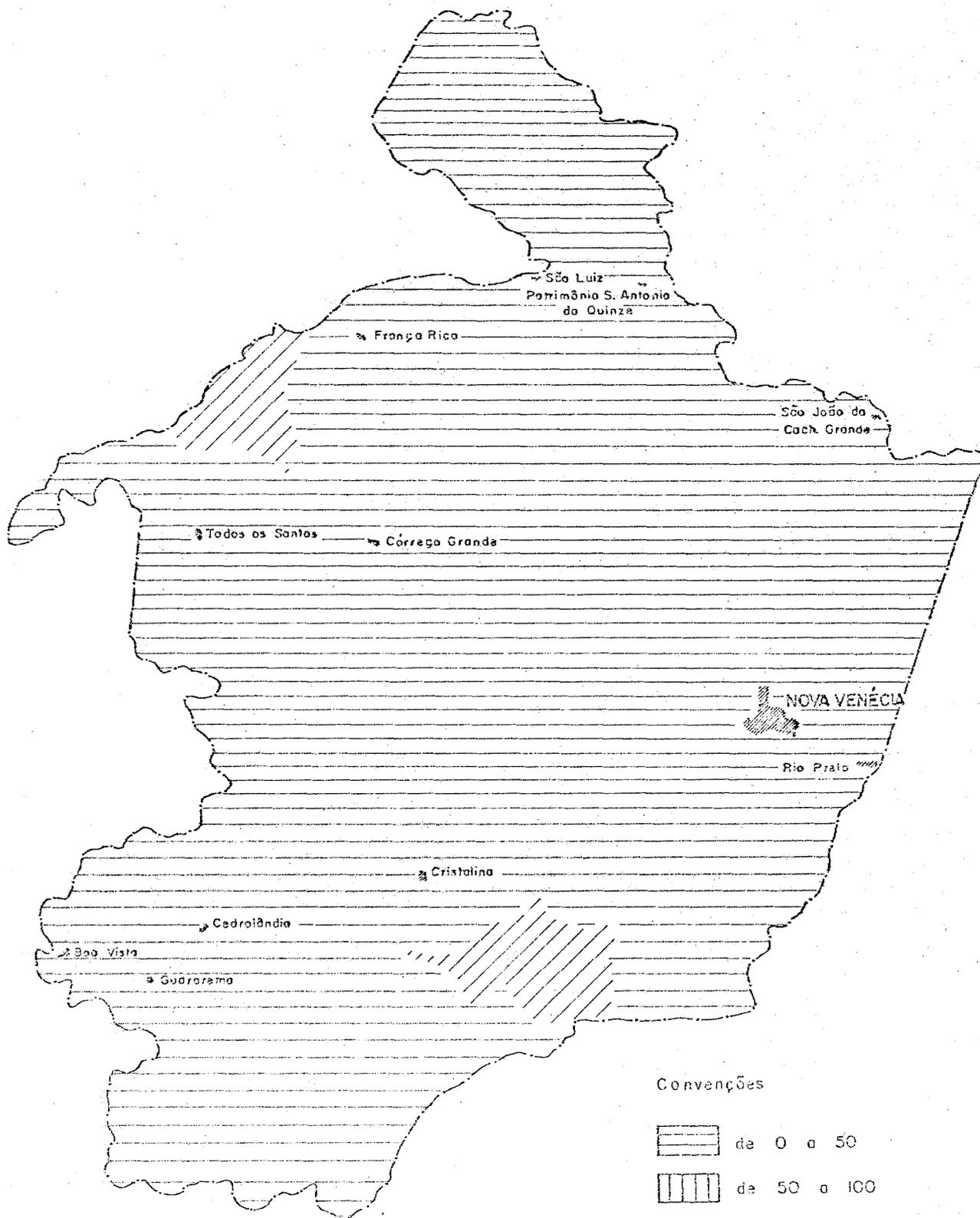
MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

estrutura fundiária aparente, segundo a área apropriada.



MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

estrutura fundiária aparente, segundo o número de estabelecimento



Convenções

-  de 0 a 50
-  de 50 a 100
-  de 100 a 500
-  de 500 a +

Esta disputa (excludência) mostra claramente a dificuldade em se desenhar complexos de produção na região, principalmente quando o fenômeno da *combinação* de delinea de forma mais objetiva. Isto faz com que seja trazido à tela o problema do mapeamento da EMATER, quando questionado pelos dados censitários.

5.3, RELAÇÕES DE TRABALHO

Não foi possível ao técnico da EMATER a elaboração de um quadro de relações de trabalho segundo os setores de produção. O quadro explicita as relações gerais a nível de município. Far-se-á sua apresentação pelos estratos de área:

. 0-50ha

Em todas as culturas (café/milho/feijão/arroz) é utilizada a mão-de-obra familiar.

. 50-100ha

No café, no milho e no feijão, é utilizada a mão-de-obra familiar, a parceria e o assalariamento temporário (diaristas). Na pecuária, a mão-de-obra familiar. No arroz, a mão-de-obra familiar e a parceria.

. 100-500ha

No café e no milho são utilizadas a mão-de-obra familiar, a parceria e o assalariamento temporário. No feijão, idem. Na pecuária, a mão-de-obra familiar e o assalariamento permanente. No arroz, a mão-de-obra familiar, a parceria e o assalariamento temporário. Na banana, a mão-de-obra familiar e o assalariamento temporário.

. 500-1000ha

No café, a parceria com o assalariamento temporário. Na pecuária, o assalariamento permanente. No milho e no feijão, a parceria com o assalariamento temporário.

. Mais de 1000ha

Na pecuária, o assalariamento permanente com o assalariamento temporário.

A mandioca tem sua especificidade em relação às outras culturas. Pelos estratos de área se dá da seguinte forma a utilização de força de trabalho:

- . 0-50ha
Utilização de mão-de-obra familiar;
- . 50-500ha
utilização de mão-de-obra familiar com o assalariamento temporário;
- . Mais de 500ha
Utilização de mão-de-obra familiar com parceria e ainda com assalariamento temporário (diaristas)¹.

A parceria, na forma da "meia" é mais comum no café, no milho, no feijão e no arroz. Segundo a EMATER, como a maioria dos proprietários dos estabelecimentos em que se explora o café mora fora de seus limites, a parceria exerce importante função enquanto contratos para a formação de novos cafezais. Assim, normalmente o proprietário prepara a terra e dá o café à "meia".

A existência da parceria no município é determinada, na maior parte dos casos, por contratos não registrados. São existem casos de registro, quando há alguma demanda por parte dos contratados (registra-se para se pensar na execução).

O patrão é quem determina *onde* o parceiro irá cultivar. Entretanto, há liberdade por parte do meeiro em determinar *o que* cultivar, isto em relação às culturas consorciadas ao café.

A parceria é mais comum que o arrendamento pelo fato de o meeiro não correr o risco da perda da produção.

Os trabalhadores volantes marcam mais sua presença nos setores de produção 2, 4 e 5. Numa faixa mais próxima da sede (raio de aproximadamente 20km) existem trabalhadores volantes com maior expressão. Distribuem-se também pelo distrito de "Pavão" (set. prod. 2), vila de Praça Rica, Patrimônio do 15, etc.

¹Cf. informações da EMATER local.

Do ponto de vista da "condição do produtor", predomina no município a existência do *proprietário individual*.

No geral, não se tem conhecimento de arrendamento, mesmo que os dados censitários acusem a existência de 7 no set. censitário 46. Os conhecidos têm um prazo médio de duração de 2 anos e se dão principalmente no milho, no arroz, no feijão e na mandioca.

O IBGE acusa a existência de 121 ocupantes no município, sendo que 80% (96) deles estão assim distribuídos:

SETOR CENSITÁRIO	Nº DE OCUPANTES
41	21
51	19
23	15
17	11
33	11
45	11
19	08

Fonte: Dados preliminares do *Censo Agropecuário*, 1980.

Portanto, a ocupação é um fenômeno existente, apesar de sua pouca expressão. Muitos destes processos estão em fase de legitimação; outros, são casos de agricultores que moram no estabelecimento há mais de 15 anos e não têm sua "condição de produtor" definida: não são proprietários, nem parceiros, nem arrendatários ou outra forma de caracterização.

Segundo o depoimento de Waldir Magewski, não se conhece conflitos relativos à ocupação. Normalmente se dão de forma amistosa.

6. MERCADO DE TRABALHO

O café é a cultura mais importante, enquanto absorvedora de mão-de-obra na região. O pico das colheitas se dá nos meses de junho a agosto (maior utilização de mão-de-obra), enquanto menor contingente de força de trabalho é utilizado no período fevereiro-maio, época dos tratos culturais¹.

Tendo em vista que somente as culturas absorvedoras de assalariados temporários têm um peso significativo na formação de um mercado de trabalho agrícola, além do café destacam-se o arroz e a banana, quando cultivados em áreas de 100 a 500ha. O milho e o feijão no estrato 500-1000ha e a pecuária, quando desenvolvida nos estabelecimentos maiores de 1000ha.

A partir daí, pode-se afirmar que o maior peso da demanda por força de trabalho, segundo essas culturas mais dinâmicas, se dá no primeiro semestre do ano agrícola². O Quadro 3, anteriormente citado, não oferece condições de se determinar com razoável precisão a existência de um mês ou de um período mais longo (2-3 meses) como sendo o de coincidência na utilização de maior contingente de força de trabalho pelas culturas dinâmicas.

A escassez de mão-de-obra é um problema constante no município, pervadindo todo o ano agrícola. Como se dizia anteriormente, manifesta-se principalmente na época da colheita do café. Chega a proporções tão graves, que no ano de 1981 *esvaziou* os contingentes utilizáveis na pecuária.

¹Cf. Quadro 3, da EMATER. Todas as informações referentes à utilização de mão-de-obra ao longo do ano agrícola provêm deste quadro.

²À exceção da pecuária: a *zopada* e o preparo do solo desenvolvem-se normalmente no período agosto-novembro.

Os assalariados temporários são normalmente recrutados na sede (principal "viveiro"), nas várias sedes distritais, chegando a se procurar trabalhadores nos estados da Bahia e de Minas Gerais¹.

A forma de remuneração mais utilizada em relação aos assalariados temporários é o pagamento por saco de café colhido, no valor aproximado de Cr\$ 150-250,00 em 1982.

Além deste pólo mais importante de utilização de força de trabalho na agricultura da região que se expressa na forma do assalariamento temporário, outra estratégia de fixação da mão-de-obra no estabelecimento se dá no incentivo ao parceiro, na forma de construção de casas e oferecimento de culturas à meia.

Entretanto, como normalmente é baixo o nível de rendimento do pequeno produtor (quer como proprietário da terra ou pior ainda como parceiro), trata-se de fenômeno comum na região o assalariamento do mesmo ao longo do ano agrícola. Segundo informações de W. Magewski, chegam até mesmo a desenvolver atividades na indústria de construção civil, como assalariados dos urbanos (ex.: Plano Engenharia em S. Mateus).

Outra forma de complementação de renda é a venda de animais domésticos de pequeno porte, de ovos, de suínos, etc.

Devido à escassez de força de trabalho nos limites do pequeno estabelecimento quando do pico das colheitas e à impossibilidade de os pequenos proprietários e - muito menos - parceiros de contratarem mão-de-obra assalariada temporária, o fenômeno da "troca de dias" (ajuda mútua entre pequenos proprietários e parceiros) pode ser considerado *comum* na região.

O quadro a seguir mostra a utilização de mão-de-obra relacionada com a área total ocupada dos estabelecimentos, por estrato, na forma de indicador:

¹Sobre o recrutamento de trabalhadores volantes, veja p. Em MG, no ano de 1981, foram recrutados 200 homens. Municípios fronteiriços com o ES mais importantes: Mantena e Gov. Valadares. De outros municípios capixabas, como Mucurici, Pinheiros e Ecoporanga, também são recrutados dos assalariados.

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

QUADRO V - DENSIDADE DE PESSOAL OCUPADO POR ÁREA TOTAL OCUPADA

ESTRATO	DENSIDADE
0-10	0,598
10-50	0,215
50-100	0,115
100-500	0,065
500-1000	0,050
+1000	0,012
TOTAL	0,107

Fonte: Dados preliminares do *Censo Agropecuário*, 1980.

Os dados apontam claramente para uma maior concentração de força de trabalho (por unidade de área) nos estabelecimentos menores que 100ha.

Na medida em que crescem os estratos, decrescem as densidades de utilização de pessoal por unidade de área. Mesmo no bloco de estratos 0-100ha, o decréscimo se acentua de forma mais expressiva do primeiro para o segundo estrato.

O quadro anterior comprova a concentração de mão-de-obra familiar/parceria nos pequenos e médios estabelecimento, sendo explicadas as menores densidades nos maiores estabelecimentos em vista das possíveis pequenas áreas relativas de cultivo nos mesmos, além dos critérios utilizados pelo IBGE na coleta de informações¹.

Não se pode, portanto, afirmar que o município de Nova Venécia tenha um mercado de trabalho agrícola dinâmico e plenamente desenvolvido, segundo as exigências da reprodução do capital em escala ampliada. Este mercado em vias de formação passa por transformações em sua determinação, podendo-se afirmar que se delinea em seus movimentos gerais um *processo de transição*.

¹Data de coleta (final de 1980) e possível exclusão dos assalariados temporários.

Tal processo passa necessariamente por fluxos de distribuição de força de trabalho ainda não plenamente definidos: pequeno número e pouco expressivos aglomerados urbanos; necessidade de se recrutar força de trabalho para além do território estadual (leste de MG e sul da BA); preço de utilização da força de trabalho extremamente variado, segundo as possibilidades de cada proprietário etc.

7.

PROGRESSO TÉCNICO

Nova Venécia é um município com baixíssima utilização de tecnologia na agricultura.

Segundo dados do IBGE, em 1980 cada trator do município era responsável por uma área de 1.029ha, considerando-se a relação entre a área total ocupada no município pelo número de tratores (apenas 154 unidades).

É baixíssima a densidade de trator por estabelecimento, segundo os dados do quadro a seguir.

QUADRO VI
DENSIDADE DE TRATORES POR ESTABELECIMENTO
MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

ESTRATO	DENSIDADE
0 - 10	0,000
10 - 50	0,014
50 - 100	0,058
100 - 500	0,237
500 - 1000	1,000
+ 1000	1,250
TOTAL	0,066

Fonte: Dados preliminares do *Censo Agropecuário*, 1980.

Fica clara a maior utilização de tratores nos estabelecimentos maiores de 500ha. Isto devido ao maior nível de capitalização dos seus respectivos proprietários, além da maior relação hectare cultivado/unidade de força

de trabalho utilizada.

Os estabelecimentos menores de 100ha (pequenos e médios) estão na média do município (0,058) ou abaixo desta. Tal densidade indica uma grande concentração de mão-de-obra familiar conjugada com a parceria e até mesmo expressivos contingentes de mão-de-obra assalariada numa forma de produção agrícola bastante atrasada.

Estas relações atrasadas de produção manifestam-se inclusive no plantio e na colheita do café, produto de grande expressão econômica na região considerada. Segundo informações da EMATER¹, pode-se afirmar que não existe nenhuma cultura no município com significativa utilização de tecnologia na produção. É de se inferir que a utilização de tratores no cultivo do café, das pastagens, da mandioca, do milho e do feijão restringe-se tão somente ao preparo da terra para o cultivo (aração). Tendo em vista que o arroz sistematizado é inexpressivo, aquele cultivado nas várzeas úmidas, com praticamente nenhuma utilização de tecnologia, determina a maior parte da produção rizícola do município.

São os seguintes os setores censitários com maior número de tratores²:

SETOR	NÚMERO DE TRATORES	HA/TRATOR
43	14	464
65	13	449
27	11	450
61	11	228
33	10	739
31	07	444

¹Cf. Quadro 2, *Progresso Técnico*, do questionário.

²Segundo os dados preliminares do *Censo Agropecuario*, 1980.

Não há nenhuma distribuição lógica, do ponto de vista espacial, para essas concentrações, a não ser as sub-regiões formadas pela junção dos seguintes setores censitários: a) 61/64/65 e b) 31/33. Ambas situam-se no extremo norte/extremo nordeste do município. Ambas também constituem-se pela dualidade concentração-desconcentração fundiária, na combinação dos estratos 100-500/10-100ha.

Os dados anteriores não permitem inferências com maior precisão. Mesmo assim, considera-se o seguinte:

- O norte do município é mais tecnificado que o sul¹;
- Esta maior densidade tecnológica presente no norte possivelmente pode ser explicada pela maior absorção fundiária dos grandes estabelecimentos em relação aos pequenos e médios. Assim, os proprietários estariam utilizando máquinas e equipamentos agrícolas nas maiores áreas ocupadas com pastagens. Esta hipótese prevê uma maior utilização de tratores em áreas de pecuária.

Segundo dados da EMATER, do ponto de vista da utilização de outros condicionantes tecnológicos², praticamente todas as culturas do município são desenvolvidas com a utilização de arado, sendo que o feijão, a tração animal. Não há utilização de colhedeira. Pouca utilização de fertilizantes. Não se usa defensivos. Utilização de sementes ou mudas: café, pecuária (set. prod. 1), café (set. 2), mandioca (mudas certificadas, set. 2), arroz (set. prod. 3) e milho/feijão (set. prod. 5).

Segundo depoimento de W. Magewski, o setor de produção 5 é o mais mecanizado do município (predomínio da pecuária e da mandioca).

¹Utiliza-se nesta afirmativa apenas o critério quantitativo.

²Cf. Quadro 2, *cit.*, utilização de arado, colhedeira, fertilizantes, defensivos, sementes selecionadas ou mudas.

8. COMERCIALIZAÇÃO E POLÍTICA AGRÍCOLA

Procurar-se-á, neste item, dar uma visão geral da comercialização no município, a partir dos vários produtos agrícolas.

8.1. CAFÉ

A comercialização é toda feita por comerciantes locais, sendo que estes revendem o produto aos agentes em Colatina¹.

8.2. PECUÁRIA

Corte - animais comercializados pelo FRISA e pela COOPNORTE.

Leite - toda a produção comercializada pela COOPNORTE.

¹Adquirem o café, pilam e o transportam até Colatina/Vitória.

Muitos produtores dos setores 4 e 2 já entregam sua produção à Cooperativa de Cafeicultores de São Gabriel da Palha.

8.3. SUÍNOS

Toda a produção é comercializada pela COOPNORTE.

8.4. MILHO/FEIJÃO

Apesar de uma pequena parte da produção ser comercializada por intermediários locais, mais ao nível do consumo interno do município, pode-se afirmar que a quase totalidade da mesma seja feita através da COOPNORTE/CFP, em conjunto com o Banco do Brasil. É importante frisar que hoje a COOPNORTE comercializa todo o milho produzido pela região conformada ao norte de Colatina, incluindo este município e o de Linhares.

8.5. BANANA

2(dois) intermediários locais centraliza a compra do produto no município e o revendem ao grupo "Araponga" de Iconha.

8.6. MANDIOCA

Produção vendida diretamente às farinheiras de Boa Esperança.

8.7. ARROZ

Produção de pequena expressão, comercializada por vários intermediários locais.

Segundo o depoimento de W. Magewski, hoje a COOPNORTE está estruturada para comercializar toda a produção regional de: milho, feijão, leite, gado de corte e suínos.

É importante ainda salientar que a COOPNORTE desempenha um importante papel, do ponto de vista de arrecadação tributária no âmbito estadual (ICM),

pois segundo seu Presidente, a totalidade dos produtores que comercializam com a mesma, o fazem pagando impostos. Por outro lado, normalmente os "atravessadores" sonegam os impostos devidos.

Segundo a EMATER, a explicação das ligações entre os pequenos e médios produtores com os intermediários locais pode ser dada no fato destes últimos intermediarem *também* o crédito aos primeiros¹.

São as seguintes as indústrias e entidades que, além de comprarem a produção, também financiam seu desenvolvimento: FRISA, COOPNORTE e farinhas de Boa Esperança.

Dentre outros, os principais problemas para a compra dos produtos são os seguintes:

- Café: infra-estrutura em geral (armazenagem, transporte, beneficiamento etc.);
- Mandioca: transporte, oscilação de preços;
- Banana: o pequeno volume de produção do município é o principal problema.

O problema da armazenagem é encarado pelo técnico da EMATER local como o mais grave do município: não existem armazéns na sede e nos distritos; os existentes nos estabelecimentos (raros) estão em condições precárias.

Condições gerais de financiamento para comercialização:

- . AGF - através da CIBRAZEM, com o apoio do Banco do Brasil e do BANESTES;
- . EGF - funciona somente em relação ao café;
- . Preços mínimos - em relação ao milho e ao feijão têm funcionado muito bem;

¹Não foi possível obter informações mais detalhadas sobre as condições do crédito: período de carência, juros, montante etc.

- . Segundo o técnico da EMATER local, *não há* concentração de crédito para comercialização nas mãos de grandes comerciantes.

São os seguintes os principais projetos desenvolvidos pela EMATER no município:

- . Prô-várzeas
- . Mandioca (maior demanda por recursos)
- . Psicultura
- . Implantação de biodigestores

9,

POPULAÇÃO

O município de Nova Venécia apresentava em 1980 uma população total residente de 45.707 habitantes. A seguir, algumas considerações sobre a evolução da população do município, nas décadas de 60, 70 e 80.

QUADRO VII

POPULAÇÃO TOTAL: 1960, 1970 e 1980

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

DISCRIMINAÇÃO	POPULAÇÃO TOTAL (1000 hab.)		
	1960	1970	1980
Números absolutos	55,9	47,9	45,7
Números relativos	100,0	85,6	81,7

Fonte: FIBGE, *Censos Demográficos*, 1960 e 1970, in FJSN, *Desenvolvimento Regional*, vol. 1: *Plano Regional de Nova Venécia* (Versão preliminar para discussão), Vit., dez./79, p. 75.

FIBGE, *Sinótese preliminar do Censo Demográfico* (Esp. Santo), IX Recenseamento Geral do Brasil, 1980, vol. 1, tomo 1, nº 16, p. 13.

O quadro anterior mostra um fenômeno comum a todos os municípios capixabas nos últimos anos, a não ser os pertencentes à Grande Vitória: a perda gradativa de população, através das migrações intra e interestaduais. No espaço de duas décadas, Nova Venécia perde quase 20% de sua população (18,3%), o equivalente a 10.200 habitantes, em números aproximados.

A relação entre população urbana e rural se deu conforme mostra o quadro a seguir.

QUADRO VIII

POPULAÇÃO RURAL E URBANA: 1960, 1970 e 1980

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

	(1.000 hab.)			
POPULAÇÃO	ANOS	1960	1970	1980
Rural		48,5	36,9	28,6
Urbana		7,4	11,1	17,1
TOTAL		55,9	48,0	45,7

Fonte: Idem quadro anterior.

Enquanto a população rural decrescia em 59% de 1960 para 1980, a urbana, ao contrário, evoluía de forma assustadora em 131% com um ganho de aproximadamente 10 mil habitantes nas décadas consideradas. É importante assinalar que o ganho populacional na zona urbana pode ser explicado por movimentos migratórios intra-municipais.

Segundo informações da EMATER local, o fenômeno do êxodo rural é ainda comum no município, havendo inclusive linha de ônibus regular do distrito de Córrego Grande para Rondônia.

Os dados preliminares do *Censo Agropecuário* de 1980 acusam 3 (três) sub-regiões de baixa densidade demográfica:

- a) Sub-região formada pelos setores censitários 17, 18, 20, 22, 23, 27, 29 e 31, na porção Leste do município, nas cercanias da sede (setores de produção 4, 5 e parte do 2);
- b) Sub-região formada pelos setores censitários 68 e 69, coincidente com o setor de produção 1, no extremo-Norte e
- c) Setor censitário 57, a extremo-Noroeste, no setor de produção 2.

Pode-se inferir que tais sub-regiões reproduzem as condições gerais pro

pícias à reprodução da pecuária, fundamentalmente no que tange à concentração fundiária (dominância dos estratos 500ha a mais e 100-500ha).

Segundo a EMATER, os "viveiros" de mão-de-obra mais importantes do município localizam-se no distrito de Córrego Grande¹ e no povoado de "Santo Antônio de Quinze". Como se dizia anteriormente, este último patrimônio localiza-se numa área de baixa densidade demográfica (ao norte do município, 0-9/10-19/hab/100ha).

¹Nas cercanias do distrito conforma-se uma área de maior densidade demográfica, constituída pelos setores censitários: 41, 52, 53, 54, 61 e 63. Densidade dominante de 20-49 hab./100ha.

10.

ASPECTOS SOCIAIS/RECLAMOS SOCIAIS

10.1. PEQUENOS PRODUTORES

- Inexistência e má conservação de estradas vicinais;
- Eletrificação rural deficiente;
- Precariedade de infra-estrutura nos estabelecimentos (armazenagem, terreiros para secagem, falta de financiamento para a moradia do parceiro, etc.).

10.2. PARCEIROS

- Além do já explicitado, falta de liberação para a criação de aves e animais de pequeno porte¹.

10.3. ASSALARIADOS PERMANENTES

- Baixos salários (Cr\$ 20 a 30 mil, 20/sem/1982).

10.4. ASSALARIADOS TEMPORÁRIOS

- Baixa diária;
- Condições precárias de moradia.

¹Esta informação não foi confirmada por W. Magewski.

11.

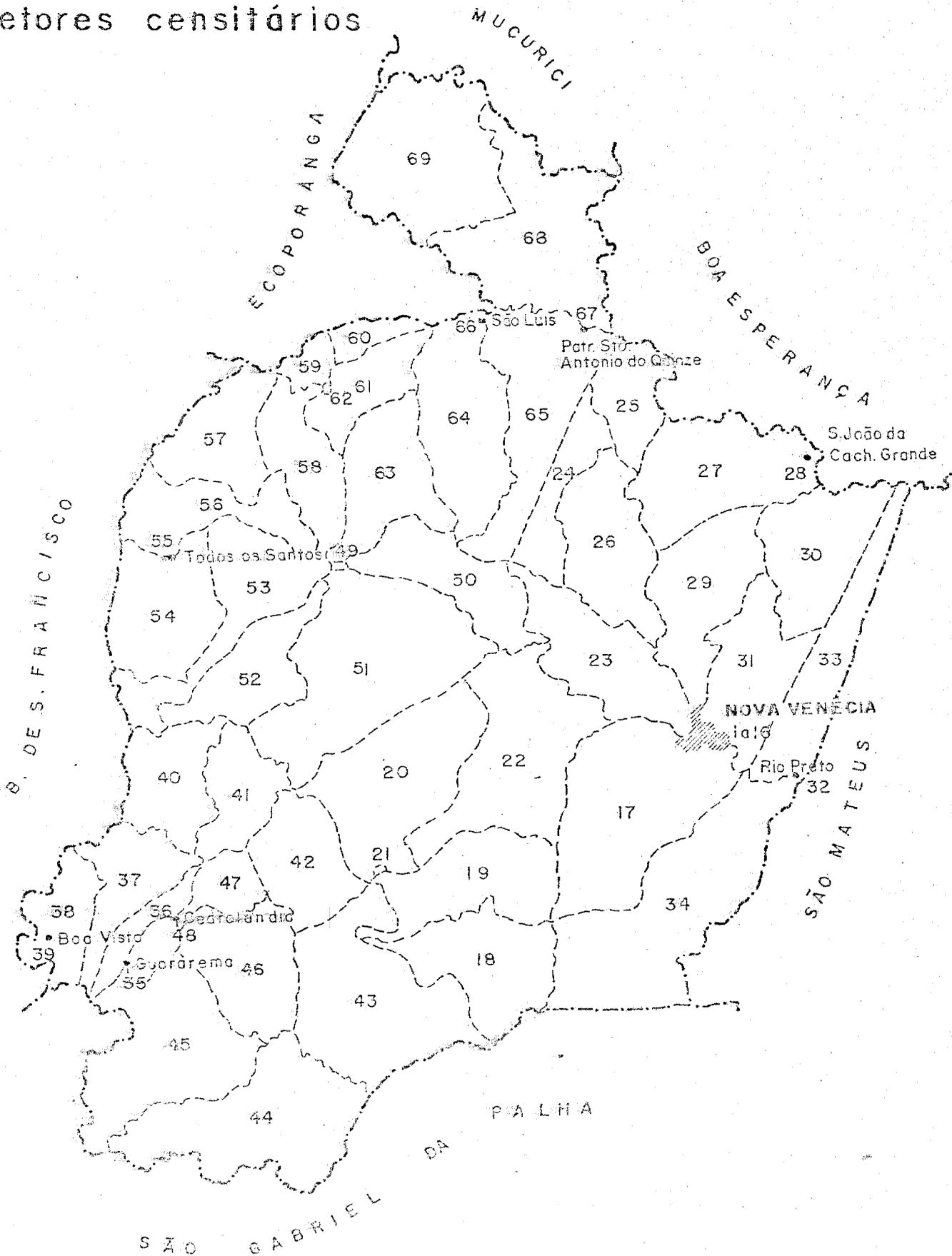
SETORES CENSITÁRIOS

11.1. LOCALIZAÇÃO DOS SETORES CENSITÁRIOS

A localização geográfica dos Setores Censitários será apresentada no ma
pa, na página a seguir, onde visualizar-se-á melhor certos aspectos an
teriormente citados e que tiveram como referencial esses setores, que
são definidos pelo FIBGE.

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

setores censitários



11.2. USO DO SOLO POR SETORES CENSITÁRIOS

Na tabela a seguir, serão apresentados dados agrupados por setores censitários referentes aos estratos de área 0-10, 10-50, 50-100, 100-500, 500-1000 e + 1000. Estes contêm informações em valores absolutos e relativos sobre a área ocupada, número de propriedades, área de lavouras permanentes, áreas de lavouras temporárias, população ocupada, tratores, bovinos, suínos e aves.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENÉCIA SETOR 01 CULTURAS : /// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 20	45.591	5.450	25	69.444	16.30	35.825	0.59	1.955	120	0	31	41	414
0 - 30	135.741	16.205	5	16.667	15.01	11.033	5.33	3.983	27	0	152	7	90
0 - 100	167.761	20.024	2	5.555	12.84	7.654	0.00	0.000	14	0	210	5	50
0 - 500	428.301	51.744	3	8.333	44.72	9.149	10.58	2.125	51	2	371	117	140
0 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T A L	837.501	100.000	35	100.000	85.87	10.607	16.95	2.023	212	2	714	172	394

NOVA VENÉCIA SETOR 07 CULTURAS : (CAF) , (PDF) E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	197.871	2.841	27	33.750	132.96	67.197	19.74	9.473	63	0	31	152	279
0 - 30	578.251	9.740	26	32.500	143.35	21.135	20.23	2.982	59	0	372	127	1126
0 - 100	1124.401	18.146	15	18.750	80.66	5.375	2.42	0.215	35	0	593	83	294
0 - 500	2161.051	31.032	9	11.250	87.12	4.031	36.30	1.650	47	1	1716	115	388
0 - 1000	1471.361	21.423	2	2.500	7.26	0.443	9.68	0.653	27	1	1024	0	0
+ 1000	1331.001	19.113	1	1.250	0.00	0.000	0.00	0.000	13	0	389	0	0
T A L	6953.971	100.000	80	100.000	431.35	6.194	87.37	1.255	244	2	4436	425	2657

NOVA VENÉCIA SETOR 08 CULTURAS : (CAF) , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 0	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
0 - 50	319.441	10.767	8	30.769	45.95	14.394	9.65	3.030	28	0	189	27	46
0 - 100	217.801	7.241	3	11.539	26.62	12.222	21.78	10.000	12	0	164	43	120
0 - 300	2429.651	31.372	15	37.672	165.53	6.213	54.45	2.241	51	2	930	8	0
0 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T A L	2956.921	100.000	26	100.000	239.13	5.028	85.91	2.896	91	2	1233	73	156

NOVA VENÉCIA SETOR 09 CULTURAS : (CAF) , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 20	105.981	2.707	15	18.987	76.76	71.735	18.88	17.645	33	0	24	110	650
0 - 30	1078.471	27.537	53	49.101	339.86	31.515	29.77	2.760	115	0	516	377	1871
0 - 100	1165.441	29.645	16	20.253	210.54	15.050	31.46	2.677	70	1	472	147	1054
0 - 500	1355.861	33.813	19	22.658	187.31	12.037	11.13	0.715	77	3	1065	39	511
0 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T A L	3907.951	100.000	73	100.000	814.47	20.841	91.13	2.038	293	4	2077	673	4086

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA SETOR 20 CULTURAS (CAF) - REC E ///

ESTRATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	12.10	0,129	2	6,452	7,26	60,000	2,42	20,000	7	0	0	27	110
10 - 50	399.30	7,550	14	45,181	128,84	31,915	76,30	9,091	53	0	285	141	755
50 - 100	529.95	10,921	8	25,907	75,92	14,155	29,04	5,479	52	1	402	86	455
100 - 500	948.84	17,937	6	19,353	123,42	13,010	33,72	4,082	40	2	356	60	438
500 - 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	3393.60	64,265	1	3,226	38,90	1,030	140,00	4,117	30	2	1810	160	140
T O T A L	5295.62	100,000	31	100,000	365,54	6,931	245,48	4,661	182	5	3137	474	1938

NOVA VENECIA SETOR 22 CULTURAS (CAF) - /// E ///

ESTRATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	9.68	0,144	1	2,083	4,84	50,000	9,60	0,000	5	0	0	3	14
10 - 50	649.24	9,867	20	41,667	105,90	16,773	47,67	7,345	107	0	417	145	719
50 - 100	812.28	9,118	8	16,867	35,50	5,929	27,04	4,743	56	1	524	64	605
100 - 500	2557.20	39,274	15	31,250	130,68	4,934	82,25	3,119	149	0	2011	183	1135
500 - 1000	2807.35	41,785	4	8,333	41,14	1,465	59,48	2,119	97	3	1898	35	150
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	6716,35	100,000	48	100,000	321,56	4,792	213,49	3,253	415	4	4550	430	2633

NOVA VENECIA SETOR 26 CULTURAS (CAF) - /// E ///

ESTRATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	25,00	0,595	3	4,110	16,00	64,000	3,00	12,000	11	0	2	3	75
10 - 50	1409,50	34,093	14	50,274	489,50	30,472	81,50	5,782	266	1	804	336	2034
50 - 100	1347,50	32,535	13	24,858	229,00	16,994	76,00	5,640	103	1	644	181	1050
100 - 500	1351,90	32,703	8	10,959	191,55	14,192	29,50	2,182	88	0	772	71	360
500 - 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	4133,50	100,000	73	100,000	866,36	20,927	190,00	4,593	468	2	2422	591	3519

NOVA VENECIA SETOR 27 CULTURAS (CAF) - /// E ///

ESTRATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	24,84	0,337	3	3,596	16,84	67,794	2,00	8,052	9	0	2	1	65
0 - 50	1195,38	17,312	24	44,156	314,37	26,279	40,32	3,387	181	0	577	200	1312
0 - 100	1589,47	23,853	21	27,273	224,12	14,101	41,14	2,682	148	2	1235	175	1131
0 - 500	2725,14	40,840	13	23,377	203,84	7,974	58,40	1,374	172	3	2473	205	1126
0 - 1000	982,52	14,805	1	1,297	95,80	9,351	48,40	4,926	28	6	1061	0	0
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	6716,35	100,000	77	100,000	866,97	13,135	197,16	2,789	538	11	5871	601	3641

INSTITUTO JONAS DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENÉCIA

SETOR 25

CULTURAS (IPDF) - III E III

ESPECIES	A. OCUPADA	% A. OCUP.	PROP.	% PROP.	A. L. P.	% A. L. P.	A. L. T.	% A. L. T.	% ALT.	P. GEDS	TRAT.	IBOV	SUI	IAVES
0 - 10	0,000	0,000	0	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0	0	0	0	0
10 - 50	245,86	12,740	8	53,333	34,92	39,745	27,35	12,935	23	0	0	12	27	425
50 - 100	82,92	4,146	1	6,887	43,40	75,923	0,69	0,000	31	0	0	0	0	0
100 - 500	1574,53	85,249	6	40,000	245,82	17,953	33,83	2,485	252	3	3	362	151	519
500 - 1000	0,000	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0	0
TOTAL	1881,13	100,000	15	100,000	360,16	23,024	51,24	3,709	376	3	3	360	178	644

NOVA VENÉCIA

SETOR 31

CULTURAS (IPDF) - III E III

ESPECIES	A. OCUPADA	% A. OCUP.	PROP.	% PROP.	A. L. P.	% A. L. P.	A. L. T.	% A. L. T.	% ALT.	P. GEDS	TRAT.	IBOV	SUI	IAVES
0 - 10	9,34	0,314	3	6,103	4,92	50,000	0,00	0,000	10	0	0	0	0	50
10 - 50	510,73	16,299	19	51,751	114,23	22,493	39,12	7,859	136	1	1	334	229	1502
50 - 100	491,77	12,506	5	13,514	34,20	2,522	22,42	5,397	27	0	0	195	83	30
100 - 500	1453,63	47,415	9	24,324	244,45	16,450	28,86	1,608	134	5	1	835	47	630
500 - 1000	726,90	23,167	1	2,793	12,10	1,657	0,00	0,000	33	1	1	410	0	150
TOTAL	3153,75	100,000	37	100,000	410,67	15,095	89,40	2,821	340	7	7	1795	377	2162

NOVA VENÉCIA

SETOR 37

CULTURAS (IPDF) - III E III

ESPECIES	A. OCUPADA	% A. OCUP.	PROP.	% PROP.	A. L. P.	% A. L. P.	A. L. T.	% A. L. T.	% ALT.	P. GEDS	TRAT.	IBOV	SUI	IAVES
0 - 10	159,23	2,123	29	28,565	109,30	85,914	16,29	6,835	53	0	0	0	131	971
10 - 50	1022,21	13,616	39	40,206	280,71	27,563	42,16	4,711	109	1	1	340	321	2192
50 - 100	509,20	6,558	5	5,247	157,74	27,143	21,72	4,266	50	0	0	265	100	330
100 - 500	3432,37	47,072	19	19,595	274,67	7,254	87,12	2,501	72	5	5	292	175	1235
500 - 1000	1664,50	14,371	2	2,062	0,00	0,000	14,52	1,364	21	1	1	77	0	0
TOTAL	1161,80	15,679	1	1,031	33,38	2,517	45,40	4,167	16	3	3	1500	0	100
TOTAL	7399,00	100,000	97	100,000	677,20	12,507	230,87	3,150	321	10	10	3005	727	4929

NOVA VENÉCIA

SETOR 34

CULTURAS (IPDF) - III E III

ESPECIES	A. OCUPADA	% A. OCUP.	PROP.	% PROP.	A. L. P.	% A. L. P.	A. L. T.	% A. L. T.	% ALT.	P. GEDS	TRAT.	IBOV	SUI	IAVES
0 - 10	23,10	0,339	4	4,760	16,50	53,713	4,10	14,591	24	0	0	0	19	217
10 - 50	1115,10	14,622	25	41,607	193,20	17,030	43,29	4,740	142	0	0	701	263	1532
50 - 100	1410,17	18,132	22	26,171	280,00	17,796	57,00	3,536	238	1	1	906	354	1132
100 - 500	2126,90	27,832	22	26,171	373,22	22,099	56,13	1,448	241	1	1	304	304	935
500 - 1000	700,10	9,177	1	1,170	0,00	0,000	0,00	0,000	12	0	0	610	0	0
TOTAL	5,20	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0	0
TOTAL	7399,00	100,000	54	100,000	877,72	11,473	167,37	2,223	750	2	2	3005	1139	3778

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA SETOR 29 CULTURAS : (PCF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	54.201	1.220	6	16.216	12.92	23.835	5.14	9.483	31	0	11	23	336
10 - 50	416.661	9.421	13	35.135	91.95	21.965	11.37	2.717	49	0	265	93	520
50 - 100	467.081	10.510	7	12.917	50.82	10.881	14.52	3.109	59	0	645	64	186
100 - 500	1974.721	44.436	9	24.324	51.06	2.586	12.34	0.625	71	0	1263	27	222
500 - 1000	1529.281	34.413	2	5.405	108.00	6.931	78.40	5.127	42	24	1061	75	270
1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	4443.921	100.000	37	100.000	312.75	7.035	121.78	2.740	252	24	3245	282	1324

NOVA VENECIA SETOR 30 CULTURAS : (PCF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	31.451	0.819	4	9.091	7.26	23.077	4.84	15.385	14	0	9	47	220
10 - 50	594.181	14.435	21	47.727	130.65	23.581	24.20	4.367	123	0	302	193	616
50 - 100	774.401	20.172	10	22.727	83.89	8.250	17.36	2.500	50	0	253	96	1120
100 - 500	1269.651	33.056	7	15.909	133.10	10.489	66.50	4.767	111	2	870	41	350
500 - 1000	1210.001	31.318	2	4.545	26.62	2.200	4.84	0.400	14	1	741	49	140
1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	3859.691	100.000	44	100.000	361.55	7.415	115.74	2.963	312	3	2175	423	2445

NOVA VENECIA SETOR 23 CULTURAS : (CAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	65.541	1.614	15	23.610	38.72	59.259	11.13	17.037	70	0	4	40	855
10 - 50	665.741	21.731	29	48.032	143.72	16.851	76.51	5.872	169	0	587	178	2447
50 - 100	657.541	15.745	9	14.286	53.41	9.162	33.94	5.324	58	0	736	88	730
100 - 500	2450.501	61.260	10	15.873	55.18	2.224	66.55	2.683	229	11	1814	59	302
500 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	4099.12	100.000	63	100.000	298.03	7.360	186.43	4.654	526	11	3141	365	4364

NOVA VENECIA SETOR 24 CULTURAS : (CAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	61.931	1.164	11	20.755	30.53	49.298	7.05	11.445	62	0	53	3	342
10 - 50	630.101	21.370	28	47.190	229.02	36.932	61.29	9.894	224	0	215	140	1097
50 - 100	585.941	19.559	8	15.094	102.28	12.073	39.51	6.931	77	0	223	106	354
100 - 500	1055.171	35.210	3	15.094	148.83	14.166	64.48	5.161	71	0	580	151	559
500 - 1000	532.401	18.576	1	1.937	32.29	13.485	35.72	7.273	53	1	157	0	0
1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	2855.551	100.000	52	100.000	572.94	20.701	211.95	7.071	487	1	1308	400	2749

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA

SECTOR 36

CULTURAS (ICAF) , III E III

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 50	18.94	1.352	3	18.780	7.26	42.857	6.72	40.000	16	0	0	15	73
0 - 50	142.78	11.843	6	31.250	44.77	31.358	29.04	24.375	28	0	76	25	132
0 - 100	295.02	25.895	4	25.000	44.68	22.057	23.75	9.822	71	1	263	19	170
0 - 300	775.04	67.088	4	25.000	68.50	8.577	53.55	8.923	84	0	353	16	260
0 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
0 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
TOTAL	1225.78	100.000	16	100.000	132.97	14.925	118.16	9.637	199	1	637	75	705

NOVA VENECIA

SECTOR 37

CULTURAS (ICAF) , III E III

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	70.12	3.111	8	17.778	14.52	20.690	31.46	44.828	39	0	35	20	164
0 - 50	557.83	23.171	20	44.444	90.91	16.009	137.78	24.261	143	0	260	100	601
0 - 100	929.77	41.212	13	28.889	133.59	17.595	176.68	19.001	158	0	302	49	360
0 - 500	688.25	30.503	4	8.889	77.44	11.232	36.30	5.274	80	0	273	21	160
0 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
0 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
TOTAL	2255.95	100.000	45	100.000	346.46	15.357	382.20	16.941	435	0	1075	190	1255

NOVA VENECIA

SECTOR 38

CULTURAS (ICAF) , III E III

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 50	20.22	0.834	6	10.170	12.00	59.316	2.42	11.966	33	0	0	11	155
0 - 50	1107.77	45.706	41	69.492	407.97	36.823	151.02	13.633	402	0	312	171	2024
0 - 100	866.47	37.492	9	15.254	117.61	17.847	84.69	5.206	136	0	541	47	478
0 - 500	659.20	25.951	3	5.085	133.92	39.231	14.52	2.309	153	1	246	20	150
0 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
0 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
TOTAL	2407.65	100.000	59	100.000	711.50	29.769	332.66	7.137	674	1	1099	249	2784

NOVA VENECIA

SECTOR 40

CULTURAS (ICAF) , III E III

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 50	10.84	0.211	1	4.000	1.21	25.000	0.00	0.000	1	0	0	3	0
0 - 50	453.54	18.847	15	50.000	111.32	25.833	48.40	10.111	53	0	75	161	703
0 - 100	556.58	17.257	8	20.000	82.28	20.732	16.34	4.265	39	0	79	101	177
0 - 500	468.84	10.247	3	12.000	53.66	11.366	43.40	9.301	33	0	215	29	70
0 - 1000	972.84	42.311	1	4.000	96.80	9.850	12.40	1.244	65	0	603	30	150
0 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
TOTAL	2297.00	100.000	28	100.000	347.27	15.105	123.64	5.474	196	0	978	327	1102

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA

SETOR 41

CULTURAS (ICAF) , III E III

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	172,05	7,345	26	42,623	94,68	55,028	57,68	33,522	48	0	24	186	1425
10 - 50	629,28	30,829	29	43,902	182,78	26,517	124,96	13,129	81	0	334	265	1628
50 - 100	324,23	14,410	4	6,557	37,51	11,567	10,29	3,358	12	0	301	20	125
100 - 500	435,60	19,357	2	3,277	96,50	22,222	19,36	4,444	25	0	343	39	258
500 - 1000	629,28	27,759	1	1,539	19,36	3,077	0,00	0,000	2	0	615	2	60
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	2250,91	100,000	61	100,000	431,12	19,157	212,89	9,466	177	0	1617	508	3485

NOVA VENECIA

SETOR 42

CULTURAS (ICAF) , III E III

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	91,40	5,573	11	30,555	26,15	25,611	37,94	41,510	45	0	4	63	437
10 - 50	329,80	19,330	12	33,333	57,01	17,339	49,72	15,140	71	0	116	105	585
50 - 100	632,20	37,167	19	27,778	73,34	11,601	26,20	4,144	73	1	434	145	573
100 - 500	648,58	38,127	3	8,333	43,56	6,716	43,56	8,716	50	2	476	63	215
500 - 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	1700,98	100,000	35	100,000	200,05	11,762	157,48	9,258	239	3	1030	376	1910

NOVA VENECIA

SETOR 43

CULTURAS (ICAF) , III E III

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	88,00	1,353	11	14,103	59,50	57,566	13,00	14,773	87	0	6	50	375
10 - 50	1163,04	17,234	43	55,128	304,68	26,197	103,34	9,057	370	1	458	158	915
50 - 100	631,68	9,714	7	11,539	108,88	33,087	29,36	4,647	123	2	113	33	123
100 - 500	3377,88	51,939	13	16,667	296,39	8,775	153,20	4,534	205	9	1750	114	240
500 - 1000	1242,72	18,116	2	2,564	50,00	2,414	12,00	0,968	120	2	953	0	85
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	5503,30	100,000	73	100,000	570,44	13,573	312,90	4,811	910	14	3280	355	1740

NOVA VENECIA

SETOR 44

CULTURAS (ICAF) , III E III

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
10 - 50	1334,04	22,357	42	55,757	265,00	19,793	174,50	12,527	312	0	447	276	1490
50 - 100	1075,74	17,102	14	18,919	115,00	11,200	74,42	7,125	137	1	540	145	410
100 - 500	2656,56	40,241	16	24,324	154,48	4,359	129,36	3,542	269	5	1785	182	550
500 - 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	5066,34	100,000	72	100,000	534,48	5,974	378,28	6,264	724	6	2774	604	2450

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA SETOR 45 CULTURAS (ICAF), III E III

ESTADOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	94.44	4.720	12	18.750	30.99	32.815	31.83	33.704	75	0	45	78	633
10 - 50	585.171	44.240	40	62.500	235.33	25.586	158.20	17.636	270	0	387	383	2337
50 - 100	632.441	34.105	10	15.625	72.50	10.633	89.54	13.121	84	0	235	95	676
100 - 500	335.601	16.733	2	3.125	19.58	5.714	12.10	3.571	15	0	143	35	135
500 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T A L	2000.651	100.000	64	100.000	352.28	17.906	299.87	14.477	447	0	810	595	3951

NOVA VENECIA SETOR 46 CULTURAS (ICAF), III E III

ESTADOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	65.501	3.632	11	26.829	43.50	66.412	11.00	16.794	39	0	0	17	193
10 - 50	498.801	27.855	18	43.902	78.15	15.267	85.35	17.113	70	0	149	69	668
50 - 100	522.651	28.979	8	19.512	64.94	12.424	104.47	19.987	47	1	133	122	723
100 - 500	718.681	39.735	4	9.755	31.02	4.328	32.88	4.560	23	2	265	11	73
500 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T A L	1803.681	100.000	41	100.000	215.61	11.954	233.51	12.945	184	3	547	219	1659

NOVA VENECIA SETOR 47 CULTURAS (ICAF), III E III

ESTADOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	35.001	1.173	7	22.581	20.50	59.571	5.50	15.714	17	0	9	14	50
10 - 50	334.501	11.205	13	41.935	92.54	27.605	49.02	14.655	53	0	67	95	385
50 - 100	305.851	10.251	4	12.903	47.14	15.361	16.52	5.383	30	0	161	22	250
100 - 500	933.451	31.942	5	16.129	45.95	4.822	41.30	4.332	52	1	522	75	302
500 - 1000	1355.201	45.899	12	38.402	72.50	5.357	43.56	3.214	55	1	851	38	250
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T A L	2953.051	100.000	31	100.000	275.56	9.332	155.90	5.223	205	2	1610	244	1217

NOVA VENECIA SETOR 49 CULTURAS (ICAF), III E III

ESTADOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	19.151	56.677	11	51.667	9.29	43.305	4.60	25.960	15	0	0	9	110
10 - 50	15.001	45.733	1	2.333	7.00	45.887	1.00	15.333	1	0	2	5	152
50 - 100	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
100 - 500	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
500 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T A L	34.151	100.000	12	100.000	16.29	45.733	6.60	19.769	17	0	2	15	272

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA

SETOR 50

CULTURAS : (CAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	73.341	1.603	11	11.937	20.09	27.333	15.10	20.589	52	0	21	67	339
10 - 50	1673.141	37.000	60	65.217	380.35	22.464	183.14	10.817	397	1	1053	833	4086
50 - 100	728.421	15.913	10	10.579	58.05	7.773	25.82	3.854	67	0	489	93	384
100 - 500	2081.201	45.480	11	11.937	145.20	6.777	75.02	3.605	138	0	1617	73	260
500 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	4576.101	100.000	92	100.000	603.72	43.193	299.82	6.553	676	1	3215	1066	5077

NOVA VENECIA

SETOR 51

CULTURAS : (CAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	248.081	6.549	35	31.818	129.63	82.354	71.63	28.875	89	0	79	325	1892
10 - 50	1172.121	30.944	50	45.455	625.13	53.333	145.17	12.385	156	0	426	533	3241
50 - 100	1357.401	35.836	19	17.273	222.66	16.403	94.35	6.933	61	0	575	140	1447
100 - 500	1010.241	26.871	6	5.435	74.40	7.355	115.90	11.849	32	1	612	95	465
500 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	3787.841	100.000	110	100.000	1666.05	43.924	431.05	11.381	338	1	1692	1143	7045

NOVA VENECIA

SETOR 52

CULTURAS : (CAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	104.061	1.932	14	15.421	33.67	31.355	38.09	38.721	89	0	11	134	522
10 - 50	1241.701	23.050	44	57.695	535.77	47.416	272.35	21.926	252	0	149	422	2131
50 - 100	355.471	6.531	12	15.790	209.33	24.470	77.41	9.032	70	1	190	143	387
100 - 500	863.941	16.033	5	6.575	175.60	20.672	94.35	10.924	39	0	227	128	435
500 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	6321.751	43.400	1	1.316	958.00	41.653	114.71	4.941	42	2	435	0	0
T O T A L	5585.921	100.000	76	100.000	1977.38	35.707	593.87	11.024	502	3	1013	832	3675

NOVA VENECIA

SETOR 53

CULTURAS : (CAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	177.081	4.854	18	21.177	55.75	40.677	30.17	22.005	57	0	43	162	621
10 - 50	1536.91	40.351	50	58.824	378.68	30.537	204.80	17.979	254	1	341	574	2693
50 - 100	917.941	23.475	14	16.471	153.96	16.740	122.92	13.378	102	0	405	231	833
100 - 500	649.481	16.875	3	3.527	43.81	6.917	15.76	2.330	54	1	410	71	350
500 - 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.001	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	2981.41	100.000	85	100.000	631.10	21.871	403.15	13.342	467	2	1199	1038	4827

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA SETOR 54 CULTURAS (ICAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	149,501	8,488	17	33,333	59,00	39,485	86,50	44,482	60	0	1	141	620
10 - 50	627,501	36,455	25	49,020	172,50	27,477	146,50	23,336	154	0	102	232	1322
50 - 100	412,501	23,871	6	11,765	44,00	10,887	51,00	12,364	120	0	145	62	327
100 - 500	551,001	30,852	3	5,882	52,00	9,753	63,00	11,264	35	0	115	32	130
500 - 10001	0,001	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,001	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	1720,501	100,000	51	100,000	327,50	19,032	327,00	17,003	372	0	363	467	2379

NOVA VENECIA SETOR 55 CULTURAS (ICAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	41,701	1,475	6	10,969	22,43	53,789	15,09	36,192	31	0	1	51	395
10 - 50	879,641	31,122	36	65,455	337,20	38,325	153,04	17,394	209	0	340	395	2785
50 - 100	547,001	19,349	8	14,546	153,61	28,082	60,98	11,148	61	0	209	182	542
100 - 500	1358,501	48,054	5	9,091	229,22	16,873	200,20	14,737	146	1	1444	79	200
500 - 10001	0,001	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,001	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	2327,041	100,000	55	100,000	742,45	26,263	429,31	15,166	447	1	1994	708	3922

NOVA VENECIA SETOR 57 CULTURAS (ICAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	0,001	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
10 - 50	82,281	1,791	2	22,222	7,26	8,822	0,00	0,000	12	0	17	6	30
50 - 100	58,381	1,264	1	11,111	2,42	4,167	0,00	0,000	1	0	6	0	0
100 - 500	503,441	17,432	4	48,444	24,20	3,012	58,08	7,227	17	0	301	34	120
500 - 10001	0,001	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	2649,361	79,452	2	22,222	1,21	0,037	2,42	0,066	48	2	2420	13	60
T O T A L	2593,161	100,000	9	100,000	35,09	0,764	60,50	1,317	78	2	2998	53	210

NOVA VENECIA SETOR 58 CULTURAS (ICAF) , III E III

ES. RATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	81,001	2,670	7	16,671	26,50	48,115	12,20	26,000	41	0	25	65	305
10 - 50	768,041	23,475	27	48,214	158,02	20,704	120,15	16,500	175	0	339	287	1716
50 - 100	1174,581	36,144	15	26,766	233,02	19,858	130,84	11,139	178	2	777	281	1417
100 - 500	1041,581	33,036	5	9,929	150,04	14,375	75,02	7,488	108	1	357	59	298
500 - 10001	0,001	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,001	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	3065,701	100,000	56	100,000	517,58	15,915	344,24	11,972	504	3	2298	872	3933

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA

SETOR 57

CULTURAS (CAF) - III E III

ESPAÇOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	54,88	2,754	3	23,077	11,54	47,974	7,50	30,329	14	0	27	26	122
10 - 50	105,51	12,500	4	30,769	17,91	16,573	19,36	16,349	19	0	76	36	293
50 - 100	239,58	25,333	4	30,769	31,45	13,131	29,04	12,121	18	0	129	71	212
100 - 500	474,32	55,193	2	15,385	19,36	4,052	12,10	2,551	13	1	283	26	160
500 - 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	844,69	100,000	13	100,000	80,37	9,545	68,00	8,056	64	1	515	159	814

NOVA VENECIA

SETOR 58

CULTURAS (CAF) - III E III

ESPAÇOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	7,00	1,054	1	6,250	7,00	100,000	0,00	0,000	4	0	0	19	170
10 - 50	259,70	39,459	10	82,500	69,53	26,388	78,92	30,389	54	0	130	216	876
50 - 100	268,02	40,724	4	25,000	22,26	8,305	17,10	6,390	19	1	227	59	233
100 - 500	123,42	18,753	1	6,250	0,00	0,000	0,00	0,000	1	0	101	0	0
500 - 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	658,14	100,000	16	100,000	97,79	14,357	96,02	14,590	78	1	488	293	1279

NOVA VENECIA

SETOR 61

CULTURAS (CAF) - PED E III

ESPAÇOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	152,42	6,060	22	27,849	56,85	37,298	37,24	24,433	57	0	33	94	497
10 - 50	1151,14	45,764	45	55,962	294,59	25,825	156,74	13,755	182	5	616	820	2782
50 - 100	592,50	23,047	7	11,393	153,84	25,973	41,72	7,044	51	3	247	144	765
100 - 500	619,52	24,829	3	3,797	68,73	11,094	24,20	3,905	23	3	381	80	300
500 - 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	2515,58	100,000	77	100,000	574,40	22,536	261,50	10,398	313	11	1277	1138	4344

NOVA VENECIA

SETOR 62

CULTURAS (CAF) - PED E III

ESPAÇOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	93,00	2,571	13	13,542	40,00	43,478	19,50	21,156	69	0	27	123	1184
10 - 50	1850,72	55,622	70	72,917	590,15	30,235	307,42	15,759	554	2	902	1047	5538
50 - 100	575,30	16,719	9	9,375	142,00	24,557	70,30	12,155	116	0	233	201	735
100 - 500	525,44	15,356	4	4,167	130,00	15,730	30,00	3,630	127	2	730	67	305
500 - 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
+ 1000	0,00	0,000	0	0,000	0,00	0,000	0,00	0,000	0	0	0	0	0
T O T A L	3445,16	100,000	96	100,000	902,15	25,167	426,92	12,392	866	4	1892	1443	7762

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

NOVA VENECIA

SETOR 64

CULTURAS (CAF), PEC E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	41.14	1.042	6	8.219	18.94	41.177	10.89	26.471	35	0	15	25	253
10 - 50	1118.64	28.324	40	54.795	237.98	23.758	81.50	7.316	350	2	991	279	1836
50 - 100	1272.92	32.547	17	23.283	182.71	14.354	33.72	3.042	220	2	759	165	927
100 - 500	1513.23	38.737	10	13.679	127.53	8.552	71.65	4.871	130	3	1279	93	633
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	3947.33	100.000	73	100.000	617.21	15.635	202.45	5.130	735	7	3624	563	3651

NOVA VENECIA

SETOR 65

CULTURAS (CAF), PEC E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	75.92	1.154	12	19.048	65.34	87.097	9.68	12.903	96	0	64	115	559
10 - 50	607.42	10.375	24	38.095	262.33	43.167	95.59	15.737	237	0	72	203	831
50 - 100	867.44	14.545	12	19.048	271.89	31.344	53.56	6.405	161	1	376	83	373
100 - 500	2347.40	40.175	12	19.048	370.26	15.773	174.24	7.423	201	6	1665	125	910
500 - 1000	1945.68	33.300	3	4.762	348.05	17.766	33.72	1.990	141	6	857	38	100
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	5842.96	100.000	63	100.000	1375.96	23.515	375.79	6.397	836	13	3037	575	2303

NOVA VENECIA

SETOR 66

CULTURAS (PCP), /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	29.44	0.355	4	7.273	20.47	67.538	0.00	0.000	12	0	0	40	125
10 - 50	597.56	7.814	18	32.727	332.30	43.265	29.23	4.889	83	0	138	119	610
50 - 100	957.56	12.515	14	25.455	232.41	24.271	37.13	2.839	50	0	675	127	562
100 - 500	2722.50	33.351	15	27.273	319.43	19.079	87.78	2.362	103	4	1638	13	210
500 - 1000	2035.75	27.137	3	5.455	15.88	0.732	109.36	5.243	235	3	1794	40	170
+ 1000	1233.40	15.443	1	1.313	0.00	0.000	0.00	0.000	4	0	28	0	0
T O T A L	7851.62	100.000	55	100.000	1048.00	13.574	235.53	3.073	537	7	4273	345	1683

NOVA VENECIA

SETOR 69

CULTURAS (PCP), /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
10 - 50	310.33	11.175	10	47.619	112.34	36.171	13.03	4.557	40	1	172	35	2435
50 - 100	319.44	11.475	4	19.048	24.20	7.574	2.42	0.753	17	0	375	5	260
100 - 500	1132.35	40.735	8	28.571	24.20	2.137	7.26	0.441	26	0	1129	10	130
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	1018.40	36.378	1	4.762	0.00	0.000	14.50	1.429	20	1	1195	0	0
T O T A L	2770.92	100.000	23	100.000	160.74	5.784	39.52	1.414	103	2	3112	50	2835

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

TOTAL DO MUNICIPIO DE NOVA VENECIA

ESTRATOS	A. OCUPADA	% A. OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P. JOU	TRAT.	I B O U	S U I	A V E S
10	2745,35	1,710	425	17,917	1365,53	49,722	632,12	22,633	1636	0	637	243	17001
10 - 50	32374,38	20,280	1172	49,410	9338,02	26,667	3767,89	11,567	6958	166	15005	10703	62423
50 - 100	29351,50	18,274	409	17,243	4837,55	16,481	1913,70	6,520	3332	23	17557	4698	22369
100 - 500	62558,20	38,947	330	13,912	5930,82	9,481	2394,89	3,323	4065	83	41214	3362	16225
500 - 1000	19233,10	11,982	25	1,120	952,70	4,948	469,75	2,440	972	50	13467	313	1333
+ 1000	14137,10	8,802	8	0,337	1038,09	7,343	320,65	2,264	173	10	7638	173	300
T O T A L	160620,00	100,000	2372	100,000	124135,00	15,028	9455,22	5,907	17163	272	95516	21731	120052



MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

QUADRO: 01

ESTRATO	ÁREA OCUPADA	ÁREA OCUPADA %	ESTABELECIMENTO	ESTABELECIMENTO %	ÁREA LAVOURA PERMANENTE	ÁREA LAVOURA PERMANENTE (%)
0 - 10	2.732,33	1,7	414	17,8	1.422,36	6,0
10 - 50	32.028,70	20,2	1.154	49,5	9.769,63	41,2
50 - 100	28.662,46	18,1	400	17,2	4.695,86	19,8
100 - 500	61.678,34	38,9	325	14,0	5.827,71	24,6
500 - 1000	19.255,14	12,1	28	1,2	952,70	4,0
+ 1000	14.137,11	8,9	08	0,3	1.038,09	4,4
TOTAL	158.494,08	100,0	2.329	100,0	23.706,35	100,0

ESTRATO	ÁREA LAVOURA TEMPORÁRIA	ÁREA LAVOURA TEMPORÁRIA (%)	PESSOAL OCUPADO	PESSOAL OCUPADO (%)	NÚMERO TRATORES	NÚMERO TRATORES (%)	NÚMERO BOVINOS	NÚMERO BOVINOS (%)
0 - 10	620,72	6,6	1.633	9,6	-	-	633	0,7
10 - 50	3.740,98	39,7	6.894	40,6	16	10,4	14.862	15,7
50 - 100	1.901,70	20,2	3.289	19,4	23	14,9	17.128	18,1
100 - 500	2.278,00	25,2	4.020	23,7	77	50,0	40.782	43,2
500 - 1000	369,78	5,0	972	5,7	28	18,2	13.467	14,2
+ 1000	320,05	3,4	173	1,0	10	6,5	7.638	8,1
TOTAL	9.431,23	100,0	16.981	100,0	154	100,0	94.510	100,0

FONTE: Dados preliminares do Censo Agropecuário, 1980.

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

QUADRO: 02

DENSIDADES DE ÁREA POR ESTABELECIMENTO

ESTRATO	DENSIDADE DE ÁREA OCUPADA POR ESTABELECIMENTO	DENSIDADE DE ÁREA DE LAVOURA PERMANENTE POR ESTABELECIMENTO	DENSIDADE DE ÁREA DE LAVOURA TEMPORÁRIA POR ESTABELECIMENTO
0 - 10	6,6	3,4	1,5
10 - 50	27,8	8,5	3,2
50 - 100	71,7	11,7	4,8
100 - 500	189,8	17,9	7,3
500 - 1000	687,7	34,0	16,8
+ 1000	1.767,1	129,8	40,0
TOTAL	68,1	10,1	4,0

ESTRATO	DENSIDADE DE ÁREA DE PASTAGEM ¹ POR ESTABELECIMENTO
0 - 10	1,7
10 - 50	16,0
50 - 100	55,2
100 - 500	164,5
500 - 1000	636,9
+ 1000	1.597,4
TOTAL	53,8

FONTE: Dados preliminares do *Censo Agropecuário*, 1980

¹Inferida = SOT - SLP - SLT

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

QUADRO: 03

DENSIDADES DE PESSOAL OCUPADO POR ÁREA

ESTRATO	DENSIDADE DE PESSOAL OCUPADO POR ÁREA TOTAL OCUPADA	DENSIDADE DE PESSOAL OCUPADO POR ÁREA DE LAVOURA PERMANENTE	DENSIDADE DE PESSOAL OCUPADO POR ÁREA DE LAVOURA TEMPORÁRIA
0 - 10	0,598	1,148	2,631
10 - 50	0,215	0,071	1,843
50 - 100	0,115	0,700	1,730
100 - 500	0,065	0,690	2,690
500 - 1000	0,050	1,020	2,069
+ 1000	0,012	0,167	0,541
TOTAL	0,107	0,716	1,801

ESTRATO	DENSIDADE DE PESSOAL OCUPADO POR ÁREA DE PASTAGEM ¹
0 - 10	2,369
10 - 50	0,372
50 - 100	0,149
100 - 500	0,075
500 - 1000	0,055
+ 1000	0,014
TOTAL	0,135

FONTE: Dados preliminares do Censo Agropecuário, 1980

¹Inferida = SOT - SLP - SLT

ANEXO 1:

COOPNORTE (COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DO
NORTE DO ESPÍRITO SANTO LTDA)

COOPNORTE - Cooperativa Agropecuária do Norte do Espírito Santo Ltda.

DADOS GERAIS

1. HISTÓRICO¹

Fundada em 1956, a partir de uma fábrica de laticínios implantada no município pelo Governo Jones dos Santos Neves. Esta fábrica era administrada pelo Estado e não foi bem neste único ano de existência.

De 1956 a 1958, a pequena fábrica de laticínios (hoje COOPNORTE) ficou fechada por problemas de ordem administrativa e sofre intervenção do Estado no período 1958-62.

Em 1962 houve eleições de nova diretoria que passa a administrar a Cooperativa.

1965-1966 - devido a uma violenta crise de mercado e produção, neste período a Cooperativa volta a encerrar suas atividades. Nesta época contava com a participação de 62 sócios.

1966-1967 - volta a funcionar, de forma ainda precária.

1967 - nova crise de leite. A partir daí a Cooperativa novamente encerra suas atividades por 90 dias. Após este período crítico, os associados são convocados para uma assembleia, em que:

- a) se decide dar continuidade às atividades;
- b) se delega poderes à diretoria, no sentido de a mesma recolher o leite dos associados, distribuí-lo e industrializá-lo, e só depois de algum tempo remunerar os produtores (na medida das possibilidades financeiras).

¹Fornecido pelo seu atual presidente, Waldir Magewski, através de depoimento gravado em novembro de 1982.

ras da Cooperativa). A partir desta delegação, os produtores ficam de 3 a 4 meses sem remuneração.

Com as dificuldades presentes na época, muitos produtores desistiram de continuar ligados à Cooperativa, assim como à própria pecuária leiteira. Neste momento a produção leiteira situava-se em torno de 3.000 litros/dia.

1968 - a partir deste ano as perspectivas tornam-se melhores. Começou-se a enviar o leite para a CLCL de Colatina e daí parte era entregue à *Maurício Marcondes* (hoje, Cooperativa da Safra). E neste mesmo ano a produção leiteira de Nova Venécia começou a ser entregue à CCPL do Rio de Janeiro, através da Cooperativa da Safra¹.

1969 - com o aumento das linhas de leite, conseqüentemente ampliou-se a indústria, sendo que parte da produção leiteira era enviada ao Rio de Janeiro, através da CCPL.

1970 - com a ampliação da recepção, houve uma super-produção neste ano. A CCPL reagiu, recebendo só o leite de cota (leite produzido de julho a setembro) na época da super-safra (dezembro-março). Com o bloqueio da poderosa Cooperativa Central, a Cooperativa de Nova Venécia foi obrigada a ampliar ainda mais sua capacidade de industrialização e com maior velocidade.

1971-72 - a vida da Cooperativa esteve normalizada, tendo funcionado razoavelmente bem. Continuava-se a enviar a produção definida como teto da cota para a CCPL.

1973 - neste ano foi assinado pela Diretoria um compromisso da compra e venda com a SPAM e, em contrapartida, esta última se obrigava a implantar uma fábrica de leite em pó no Norte do Estado. Através de uma reunião

¹Foi fundada neste mesmo ano: alguns produtores dissidentes da CLCI compraram os equipamentos e direitos da *Maurício Marcondes*, implantando a nova Cooperativa.

feita em Vitória, da qual participou a Diretoria da Cooperativa de Nova Venécia, decidiu-se, por fim, implantar a fábrica no Município de Viana.

Logo em seguida a COOPNORTE se preocupou em levar a indústria para o Norte do Estado. Com a instalação de usinas de recepção em Porto Belo (Mucurici), Vinhático (Montanha) e Ecoporanga, a recepção diária chegou a 100 mil litros. A partir deste volume de recepção a COOPNORTE teve força então para levar ao norte a indústria de leite em pó através da SPAM (esta assumia o compromisso de instalar a indústria em 10 meses).

Neste mesmo ano a COOPNORTE desliga-se da CCPL e passa a enviar todo o excesso de recepção ao Rio de Janeiro através da SPAM. Esta última se responsabiliza pelo transporte (e riscos) do produto.

Para que a COOPNORTE se ingressasse nesta nova fase, várias incorporações foram realizadas: Cooperativa Laticínios de São Mateus e as agrárias: Jaguaré e Vinhático. As agrárias de Ecoporanga e de Nova Venécia não puderam ser incorporadas pelo fato de o processo de liquidação estar adiantado.¹

O ano de 1973 constitui, portanto, um importante marco na história da COOPNORTE. Com a conquista de novos mercados, não houve mais excesso de produção, assim como perdas do produto.

A COOPNORTE chegou à recepção de 200 mil litros/dia com a instalação dos 6 postos de resfriamento (Ecoporanga, Mucurici, Montanha, Conceição da Barra, Pinheiros e São Mateus), além da matriz na sede de Nova Venécia. O mercado para o leite *in natura* estava garantido; por sua vez, a garantia de mercado para o leite transformado em pó era de responsabilidade da SPAM. Esta mantinha com a COOPNORTE uma cláusula contratual proibindo qualquer pessoa física ou jurídica a transacionar o produto com a primeira naquela faixa definida de mercado. Isto só poderia ser feito via COOPNORTE. Este sistema funcionou razoavelmente bem até 1978.

¹O fonte das incorporações já se deu em 1974.

1978 - a COOPNORTE sofre invasão de área. A CCPL, com sua fábrica ociosa, instala 2 postos de coleta: um em Boa Esperança e outro em Mucuri¹.

Hoje a remuneração da COOPNORTE ao produtor é de Cr\$ 2,80 a mais por litro, se comparada à da CCPL. Esta cobre um frete de 20 percurso (Boa Esperança - Viana). Mesmo assim, estas linhas de leite que sofreram a interferência da CCPL passaram a ser deficitárias (em outras palavras, a COOPNORTE não poderia concorrer com os 10 mil litros captados pela CCPL na região). Quer dizer, a CCPL ofereceu uma vantagem a mais, temporariamente, retirando os produtores da COOPNORTE.

O projeto da implantação de um frigorífico vinha sendo pensado desde 1975, mas somente três anos depois é que pode ser desenvolvido. Um grande problema enfrentado pela COOPNORTE junto aos seus associados era o referente ao descarte de bovinos. Como periodicamente estas cabeças tinham que ser descartadas do rebanho, acabavam sendo capturadas pelos comerciantes locais em detrimento dos produtores.

Com a venda de várias unidades de recepção à SPAM, a COOPNORTE adquiriu um razoável montante de recursos próprios. Mesmo assim não eram suficientes para a implantação do frigorífico. Esta dificuldade levou então a diretoria da COOPNORTE a procurar o BANDES. Como o BANDES não pode aplicar seus recursos (cuja fonte é o sistema de incentivos fiscais) em cooperativas, com o objetivo empresarial, foi necessária a constituição de uma S/A para que isto se efetivasse. O FRINORTE rasceu da associação da COOPNORTE com alguns diretores (5), sendo que o controle acionário da empresa ficava nas mãos da Cooperativa de Nova Venécia. Assim, o Frigorífico abandona a linha original de simplesmente atuar com uma oferta de matéria-prima baseada no descarte periódico de rebanhos bovinos e partia para a perspectiva do abate misto: bovinos e suínos. Esta nova postura visava incrementar a produção de suínos na região, assim como a diversifi

¹Este processo teve a participação direta de Amaro Covre, prefeito de Boa Esperança.

cação agrícola relativa à produção de milho e de mandioca (matérias - primas indispensáveis à suinocultura). Em resumo: a COOPNORTE deixou o setor leite e partiu para novas atividades, respondendo às carências do Norte do Estado.

2. BASE TERRITORIAL E ÁREA DE INFLUÊNCIA

2.1. LEITE

Resume-se ao município de Nova Venécia.

2.2. MILHO/FEIJÃO

Barra de São Francisco, Montanha, Pinheiros, Ecoporanga, Mucurici etc. Nesta última safra de milho, comprou-se até de Colatina e Baixo Guandu. Toda a região de Linhares também sofre influência da COOPNORTE.

Incentivos dados pela COOPNORTE ao produtor de milho: repasse de sementes selecionadas a preço de mercado; assistência técnica à produção; nas safras de 1980-81, preço de garantia na base de 30% acima do preço mínimo oferecido pelo Governo.

Idem, aos produtores de feijão: incentivo ao plantio, fornecimento de sementes a preços acessíveis e pagamento do preço de garantia do Governo. Nesta última safra foram comprados 60 mil sacas de feijão pela Cooperativa e repassadas ao Governo. No repasse a COOPNORTE teve uma comissão de 2%.

3. QUADRO DE ASSOCIADOS

Hoje a COOPNORTE tem 5.570 associados classificados segundo o quadro a seguir.

PRODUTORES ASSOCIADOS DA COOPNORTE, SEGUNDO ESTRATO DE ÁREA

ESTRATO DE ÁREA (ha)	cf/ %o
10 - 50 / 50 - 100	70
100 - 500	25
500 - 1000	04
+ 1000	01

As exigências formais da COOPNORTE em relação aos produtores são definidas pelo estatuto. São os seguintes os passos necessários para a associação:

- 10) Apresentação de escritura legalizada do estabelecimento e da ficha do produtor;
- 20) Subscrição mínima de 2 SMR, integralizados na forma de cotas-partes em 10 prestações¹;
- 30) A proposta do produtor é analisada pelo Conselho de Administração na primeira reunião após sua solicitação;
- 40) É por fim homologada, após passar pela aprovação da Assembléia Geral.

A partir de sua associação, o produtor passa a receber os benefícios da Cooperativa, de acordo com a integralização de capital efetuada:

- a) Assistência Médica Veterinária;
- b) Assistência Agronômica;
- c) Acesso à rede de Supermercados;
- d) Fazer jus aos dividendos de final de ano², proporcionais ao seu movimento na Cooperativa ao longo do ano.

¹Não é definido estatutariamente um *teto* para integralização.

²Divisão das *sobras* da Cooperativa. O lucro de empresa privada corresponde à *sobra* da Cooperativa.

4. ASPECTOS GERAIS

A COOPNORTE tem nos seguintes setores suas principais atividades:

- Setor Leite
- Setor Armazéns de Consumo
- Setor Agrícola: aquisição de produtos agrícolas (milho, arroz e feijão)
- Setor Suinocultura
- Fábrica de Ração
- Frigorífico

Do ponto de vista do crédito para repasse, a COOPNORTE viveu uma experiência amarga em 1981: levantou Cr\$ 20 milhões com o BNCC e distribuiu Cr\$ 500 mil para os primeiros 40 sócios que se inscreveram no programa. Tal oportunidade foi anunciada no boletim da Cooperativa e a procura foi tamanha que no 39 dia não havia mais recursos disponíveis. Isto acabou gerando um tremendo desgaste da Diretoria junto aos associados. O processo foi tão violento que fez com que a Diretoria avaliasse sua ação e chegasse à conclusão de que não tem mais sentido se pensar em novas incursões nesta área num futuro próximo.

A COOPNORTE tem ligações com o Banco do Brasil e com o BANESTES. Com o primeiro, obteve financiamentos ordinários para a aquisição de produtos agrícolas (milho/feijão) dos produtores associados. Do segundo, firmou contratos de financiamento para aquisição de bens de consumo.

Na área do consumo, a COOPNORTE possui hoje 8 entrepostos: um na sede e sete em outros municípios (Ecoporanga, Mucurici, Montanha, Conceição da Barra, Pinheiros, São Mateus e Jaguaré). Nestes entrepostos de consumo, a venda das mercadorias se dá a preços de mercado, sendo que a Cooperativa tem uma margem operacional de 10%. Há remarcação nas mercadorias duas vezes ao mês, objetivando-se receita para a reposição do estoque. Segundo o seu presidente, a vantagem do entreposto é que as sobras originárias

das vendas são rateadas na forma de dividendos¹. A COOPNORTE é acionista majoritária do FRINORTE S/A e da SUINORTE S/A com recursos dos produtores associados, que participam direta e indiretamente das empresas citadas.

O problema atual que mais preocupa a Diretoria da COOPNORTE é a possível interferência no mercado de matrizes suínas da BRASAGRO. Este grupo é formado pela união da BRASCORP (grupo Tristão) + DELTEC + AGROCERES. A BRASAGRO tem planos de instalar um matriseiro de grande porte nas cercanias de Vitória. Para tal já solicitou recursos ao GERES, tendo obtido o devido apoio do BANDES. Na verdade, a implantação da BRASAGRO no Espírito Santo significará uma violenta concorrência à SUINORTE S/A. Dispondo de um grande know-how no campo da reprodução de matrizes suínas, chegou a propor à SUINORTE a participação na empresa, nos seguintes termos: a SUINORTE integralizaria um montante de capital correspondendo a 20% do total das ações da BRASAGRO, se comprometendo ainda a não comprar animais desta empresa, pondo abaixo seu plano de implantação de um matriseiro próprio. Desta forma, os cooperados da COOPNORTE seriam obrigados a comprar as matrizes reproduzidas pela BRASAGRO, de acordo com as condições impostas pelo monopólio.

Obviamente a COOPNORTE rejeitou a proposta com o silêncio... A Diretoria pensa num instrumento legal como estratégia de impedir a penetração das matrizes da BRASAGRO, junto aos cooperados, proibindo-os adquirir tais mercadorias.

5. PROJETOS MAIS IMPORTANTES PARA A REGIÃO DE NOVA VENÉCIA

5.1. CONSERVAÇÃO E ABERTURA DE NOVAS ESTRADAS VICINAIS.

¹O rateamento e/ou aplicações dos recursos transformados em dividendos obedece à seguinte estratégia: podem ser divididos *em espécie*, ou seja, os recursos gerados rateados pelo conjunto dos cooperados; consultada a Assembléia, podem ser aplicados em planos de trabalho (ex.: expansão da suinocultura, implantação de fábrica de raspa etc.). Nos últimos anos a Assembléia tem optado por esta última forma.

5.2. RECURSOS (aproximadamente na ordem de Cr\$ 50 milhões) para a implan
tação de uma fábrica de ração a partir da raspa de mandioca.

5.3. ELETRIFICAÇÃO RURAL.

